
Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do arq. Gustavo Marques*

JOÃO LUÍS CARDOSO**

R E S U M O

Apresenta-se o estudo dos materiais arqueológicos do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, pertencentes à Coleção arq. Gustavo Marques, responsável pela identificação do sítio e autor dos primeiros trabalhos de exploração ali realizados.

A B S T R A C T

In this study we present the archaeological materials of the fortified chalcolithic settlement of Outeiro Redondo, which are preserved at the National Museum of Archaeology, and belonged to arch. Gustavo Marques Collection, responsible for the identification of the settlement and author of the first field work studies performed there.

1. Introdução

O povoado pré-histórico de Sesimbra, cuja investigação arqueológica constitui o objecto do Projecto que, com o mesmo nome, foi submetido pelo signatário ao Instituto Português de Arqueologia e seleccionado para financiamento no âmbito do PNTA/2004, foi explorado, sob sua orientação, ao abrigo do referido Projecto, em sucessivas campanhas de escavações, de duração variável, entre Maio de 2005 e Novembro de 2008, a última das quais apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Aquando do contacto com os proprietários, para obtenção da respectiva autorização, o morro onde se implanta o povoado pré-histórico foi designado por “Outeiro Redondo”, razão por que foi este o topónimo adoptado no presente estudo e em outros que se vierem a publicar.

O local corresponde a elevação isolada (Fig. 1), constituindo, com o morro do castelo de Sesimbra e o morro do Moinho da Força, uma linha de relevos de calcários duros do Jurássico Superior (“Calcários de Azóia”) com orientação Nordeste-Sudoeste, integrando-se em terrenos da



Fig. 1 Vista do lado norte do morro onde se implantou o povoado fortificado (foto de J. L. Cardoso).

Casa da Mesquita (Santana). As respectivas coordenadas são as seguintes: 38° 27' 16" lat. N; 9° 06' 02" long. W de Greenwich (Fig. 2).

Dali, domina-se toda a baía de Sesimbra, constituindo assim um excelente local para o controle visual do litoral adjacente, no único trecho favorável ao desembarque e acostagem, já que, tanto para leste como para oeste da baía, a costa é rochosa e escarpada. Aliás, o estreito relacionamento estabelecido pelos habitantes do povoado com o litoral, encontra-se sublinhado pela visibilidade da elevação, para quem vem do mar (Fig. 3), estando ainda demonstrado pelos abundantíssimos restos alimentares de origem marinha exumados no decurso das escavações ali dirigidas pelo signatário entre 2005 e 2008.

As escavações vieram demonstrar a importância da estação, correspondendo a um dispositivo fortificado, ainda que de pequenas dimensões, constituído pelo menos por duas linhas muralhadas, reforçado externamente por bastiões semicirculares, envolventes da parte mais alta da elevação, ocupada actualmente por escarpado rochoso. É, no entanto, possível que, na época, esta verdadeira acrópole estivesse coberta de sedimentos, os mesmos que, por erosão, se vieram depositar em sectores adjacentes, de pendor mais suave, de mistura com muitos espólios arqueológicos dali em parte provenientes, recuperados no decurso das escavações.

Apesar de ser diminuta a área defendida, foi possível definir com rigor uma sequência estratigráfica com clara expressão cronológico-cultural, abarcando o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno da Estremadura, em estreita relação com a construção de um dispositivo defensivo complexo, do qual apenas uma pequena parte foi explorada, pelo que importa dar continuidade às escavações nas quais se declara desde já estar o signatário interessado, logo que reunidas as condições adequadas.

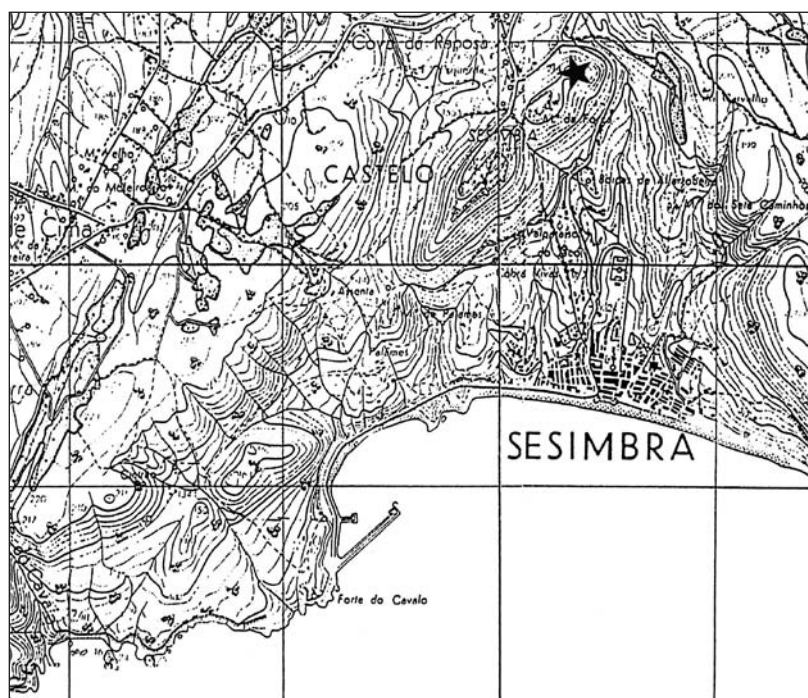


Fig. 2 Localização do povoado pré-histórico do Outeiro Redondo na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (Folha n.º 464, Sesimbra). Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército, edição de 1964. Comprimento da quadrícula: 1 km.



Fig. 3 O Outeiro Redondo visto do mar, do lado direito da foto, dominando a baía de Sesimbra (foto de J. L. Cardoso).

2. Antecedentes

O povoado calcolítico do Outeiro Redondo foi identificado pelo arq. Gustavo Marques a 24 de Junho de 1966, tendo sido objecto de comunicação que, logo a 30 desse mês, o mesmo apresentou à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a designação de “Outeiro Pequeno” (cf. Acta n.º 82 da Secção de Arqueologia). Esta comunicação teve seguimento nas sessões realizadas nos dias 24 de Novembro e 15 de Dezembro de 1966, sob o título “Prospecção superficial no castro de Sesimbra”, tendo então apresentado e comentado “os mais típicos materiais recolhidos durante a prospecção e duma pequena sondagem estratigráfica”, para cuja realização declara ter obtido autorização a 2 de Outubro de 1966 (cf. Acta n.º 86 da Secção de Arqueologia da SGL e CMS, s/d). A publicação destes primeiros espólios arqueológicos, que incluíram as recolhas realizadas em diversas saídas de campo realizadas na companhia de Eduardo da Cunha Serrão e Luiz Saldanha, em Agosto e Setembro de 1966, foi concretizada logo no ano seguinte, tendo então sido registado, que, “espalhados pela superfície do terreno, em rápido declive para sul, observam-se alguns blocos de calcário, por vezes reunidos, formando recintos de ténue configuração” (Marques, 1967, p. 10).

Com efeito, a interpretação de tais alinhamentos como estruturas defensivas, integrando, como acima se referiu, duas linhas amuralhadas, a mais interna munida de “torreões”, envolvente da acrópole rochosa que coroa a elevação, encontra-se expressivamente apresentada em esboço contido no caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo ao ano de 1966, executado em data imediatamente ulterior à primeira apresentação de Gustavo Marques, esboço entretanto publicado pelo signatário (Cardoso, 2001, p. 36).



Fig. 4 Outeiro Redondo. O Bastião C antes da escavação visto do lado externo, logo após a limpeza superficial do terreno (foto de J. L. Cardoso).

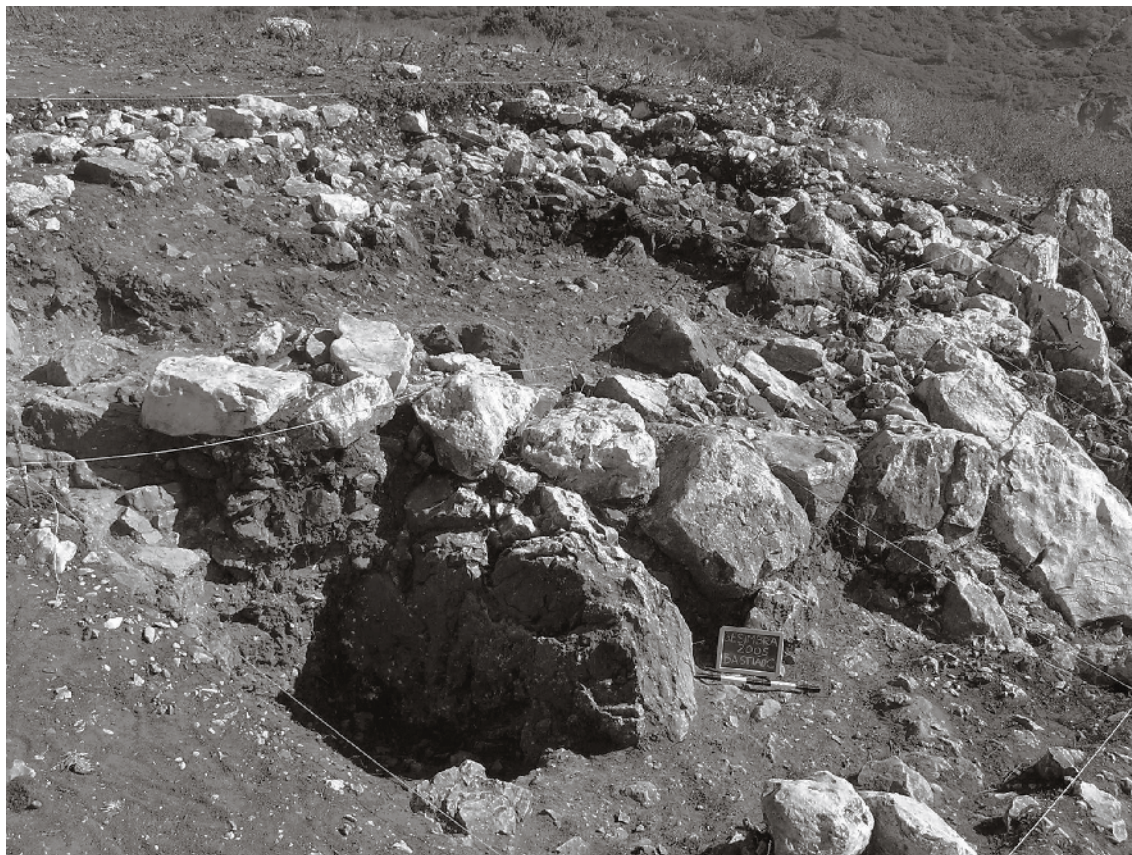


Fig. 5 Outeiro Redondo. O Bastião C visto do lado externo, depois de escavado (foto de J. L. Cardoso).

Com efeito, antes de iniciadas as escavações arqueológicas em extensão, em Maio de 2005, foi confirmado pelo signatário que algumas das estruturas afloravam no terreno, evidenciando-se alinhamentos de grandes blocos (Fig. 4) do que viria depois a confirmar-se como sendo um grande bastião (Fig. 5), avançado em relação à linha defensiva mais interna, funcionando assim como barbacã de uma entrada existente por detrás dele, dando acesso ao interior do recinto amuralhado. Por outro lado, a partir do lado externo do referido bastião, desenvolve-se para nascente extensa muralha, igualmente evidenciada por grandes blocos à superfície do terreno, que não foi objecto de investigação no âmbito das escavações efectuadas entre 2005 e 2008. Esta muralha circunscreve vasta esplanada, de topografia regular, que corresponderá ao núcleo habitacional mais importante do aglomerado pré-histórico, ainda não explorado, por ter sido conferida prioridade à investigação e delimitação do dispositivo defensivo. Tais trabalhos centraram-se na parte superior da elevação, voltada a sul, e revelaram a existência de uma outra muralha, desenvolvendo-se para poente, da qual apenas uma parte se encontra explorada, contornando o topo da elevação (Fig. 6). Na parte mais ocidental do sector escavado, cujo comprimento atinge cerca de 60 m de comprimento, a referida muralha atinge a sua máxima expressão: aqui, o declive a vencer, por ser muito maior, obrigou à construção de um sistema de muros adossados, constituídos por grandes blocos, pesando várias centenas de quilos, que conferiram estabilidade à estrutura devido ao seu peso próprio (Fig. 7).

A correlação entre a sequência construtiva e a estratigráfica permitiu atribuir ao Calcolítico Inicial, representado pelas produções cerâmicas com padrões canelados (“copos” e taças), a fase



Fig. 6 Outeiro Redondo. Vista parcial do troço da muralha identificada e escavada, de oeste para leste (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 7 Outeiro Redondo. Pormenor do sector oriental da muralha, evidenciando-se sucessivos alinhamentos de blocos, formando muros justapostos longitudinalmente, de forma a garantir a estabilidade, pelo peso próprio, no sector do recinto correspondente ao maior declive da encosta (foto de J. L. Cardoso).

mais antiga do dispositivo defensivo, atingindo a fase mais recente deste o Calcolítico Pleno, caracterizado pela presença das cerâmicas com padrões decorativos em “folha de acácia” e em “crucífera”.

Gustavo Marques, que não desconhecia o valor científico da estação que descobrira, valorizado pela existência de estruturas e de estratigrafias, a par de numerosos materiais por si recuperados em sucessivas campanhas de escavações por si efectuadas, não voltou, no entanto, a publicar qualquer outro estudo sobre o sítio, deixando inédita a quase totalidade dos materiais por si exumados, com excepção dos exemplares reproduzidos no seu trabalho de 1967. Impunha-se, pois, o seu respectivo estudo sistemático e subsequente publicação, objectivo agora concretizado.

Com efeito, à semelhança da estratégia adoptada na investigação e publicação sistemática do espólio exumado no povoado pré-histórico de Leceia pelo escultor Álvaro de Brée (Cardoso, 1980, 1981), que antecedeu as extensas campanhas de escavação ali dirigidas pelo signatário ao longo de vinte anos (1983–2002), julgou-se pertinente, antecedendo também a prevista publicação sistemática dos resultados das escavações realizadas no Outeiro Redondo entre 2005 e 2008, e que proporcionaram copioso volume de informação, a publicação dos espólios ali exumados em épocas antecedentes, os quais, de alguma forma, já evidenciavam a diacronia e importância das sucessivas ocupações pré-históricas que depois ali vieram a ser cabalmente demonstradas.

O interesse do signatário pela investigação arqueológica deste sítio, que visitou pela primeira vez em Agosto de 1973, remonta a 1996, ano em que submeteu ao Instituto Português de Arqueologia um primeiro pedido de autorização para trabalhos arqueológicos, na sequência de outras intervenções arqueológicas efectuadas com sucesso no concelho de Sesimbra. Este pedido, embora deferido, não foi concretizado, por, entretanto, o executivo municipal saído das eleições autárquicas realizadas em finais de 1997 ter considerado outras prioridades de actuação ao nível do património histórico-arqueológico sesimbrense. Contudo, o interesse do signatário pela investigação do sítio manteve-se: inviabilizados os apoios que, em anteriores intervenções arqueológicas no concelho de Sesimbra, lhe tinham sido concedidos pela autarquia, com resultados em devido tempo publicados e divulgados, restava o recurso ao financiamento público. O Projecto submetido em 2002 ao Instituto Português de Arqueologia foi aprovado com a classificação máxima, de 5 pontos em 5, mas não foi objecto de financiamento. Assim, em Janeiro de 2003 foi remetido ao Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra ofício dando conta das possibilidades de, no decurso desse mesmo ano, se efectuar a primeira campanha de escavações arqueológicas, solicitando-se para o efeito uma audiência; porém, o referido ofício jamais mereceu resposta por parte da Autarquia.

Reunidas, enfim, em 2004, as condições para financiamento por parte do Instituto Português de Arqueologia, deu-se início formal ao Projecto, de novo submetido para aprovação, com a duração de quatro anos (2004–2007), tendo-se atribuído prioridade, precedendo a intervenção de terreno, ao estudo sistemático dos espólios arqueológicos recuperados por Gustavo Marques, o qual poderia fornecer, como se disse, informações sobre as sucessivas fases culturais ali verificadas.

É o resultado desse estudo que agora se publica, na sequência de diversas apresentações públicas, em várias reuniões científicas, sobre os resultados das escavações entretanto realizadas: ao Colóquio Internacional “Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal 3500 a 2000 a.n.e.” (Cascais, 2005); à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (Lisboa, 2006); ao II Encontro de Arqueologia da Arrábida (Convento da Arrábida, 2007); e ao Colóquio “Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo (Palmela, 2009), além de diversas palestras, como a apresentada, a convite da Câmara Municipal de Sesimbra, no Núcleo Museológico da Capela do Espírito Santo dos Mareantes, em Sesimbra, em Março de 2008.

3. Análise do espólio

Entre Outubro de 2004 e Janeiro de 2005, decorreu, no Museu Nacional de Arqueologia, o estudo sistemático dos espólios arqueológicos ali depositados e resultantes dos trabalhos de prospecção e sondagens realizadas por Gustavo Marques no Outeiro Redondo. Confrontando, porém, os desenhos então realizados de todos esses materiais, com as fotos dos espólios reproduzidos pelo autor no seu trabalho de 1967, verifica-se que este último conjunto não se encontra conservado no Museu Nacional de Arqueologia, pelo que não foi possível incluí-lo no presente estudo. É provável que parte dessas primeiras recolhas estejam depositadas no Museu Municipal de Sesimbra, dada a semelhança existente entre alguns dos exemplares reproduzidos no estudo de G. Marques e os apresentados em opúsculo editado pela autarquia (Câmara Municipal de Sesimbra, s/d), cuja má qualidade gráfica impede maiores certezas.

Acresce que a completa valorização dos materiais ora publicados se encontra prejudicada pela falta dos correspondentes registos de campo, que não foram localizados entre a documentação remetida pelos herdeiros de Gustavo Marques ao referido Museu. Por outro lado, não se conservam nos arquivos do IGESPAR, quaisquer relatórios das intervenções efectuadas, mesmo da única que foi aparentemente oficialmente autorizada, a 2 de Outubro de 1966.

As indicações apostas nas peças conservadas no Museu Nacional de Arqueologia permitem concluir apenas que Gustavo Marques procedeu, como era seu hábito, a sondagens limitadas no Outeiro Redondo, ao longo de vários anos, além das realizadas logo após a descoberta da estação. Os materiais dessas sondagens, minuciosamente marcados por si, como também era seu hábito, correspondem aos anos de 1966 e 1967, a Outubro de 1973; a Setembro de 1974; e a Agosto e Setembro de 1976, conforme as indicações neles apostas. Com efeito, no terreno são ainda visíveis testemunhos de algumas das sondagens então efectuadas, de planta rectangular, com cerca de 2 m por 2 m, localizadas em dois pontos distintos da elevação: em local situado próximo do topo da encosta voltada a sul, imediatamente acima da área intervencionada entre 2005 e 2008; e no sector da mesma elevação voltado a nascente, em local adjacente da plataforma ali existente e que corresponderá ao núcleo habitacional principal da aglomeração pré-histórica, como atrás se referiu (Fig. 8).

O registo conservado nas peças mostra que foi respeitada quadrícula, a qual se desconhece se foi mantida ao longo das sucessivas campanhas; as indicações permitem também concluir que se registou a estratigrafia em cada um dos locais, cuja referência se apôs a cada uma das peças.

3.1. Indústria de pedra lascada

Pontas de seta

Nas Figs. 9 e 10 reproduz-se o conjunto dos materiais de pedra lascada conservados no Museu Nacional de Arqueologia. Avultam as pontas de seta (Fig. 9, n.^{os} 1 a 26), as quais, sempre que conservam as respectivas bases, se apresentam côncavas, ocorrendo seis exemplares, entre inteiros e fragmentados, de tipo mitriforme. O trabalho estende-se, invariavelmente, a ambas as faces, obliterando quase por completo as superfícies originais dos respectivos suportes, os quais parece que corresponderiam a lascas, depois desbastadas e regularizadas por levantamentos centrípetos.

A relativa abundância de pontas de seta foi confirmada pelos resultados das escavações dirigidas pelo signatário. Importa, enfim, sublinhar que a tipologia coerente dos exemplares é compa-

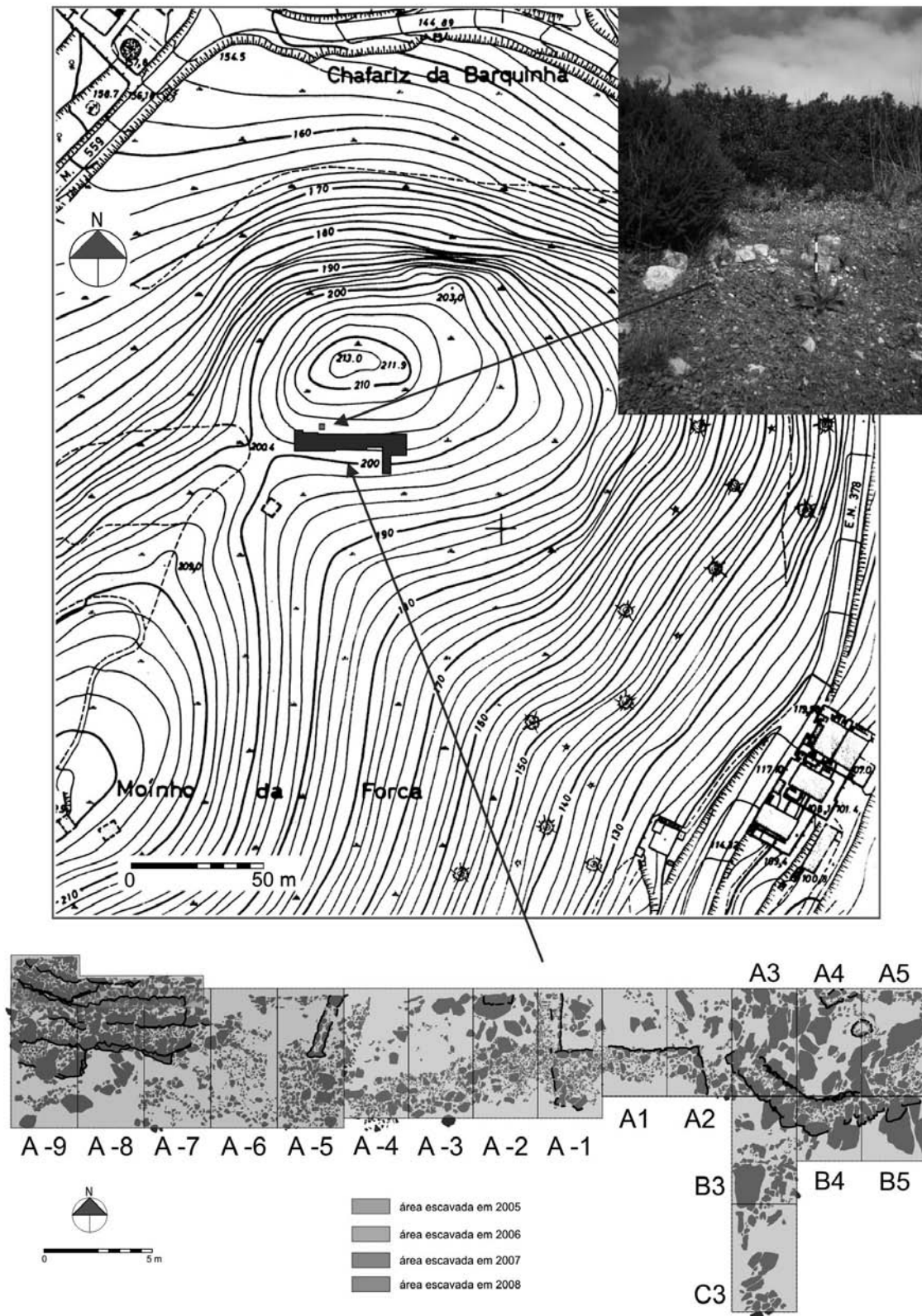


Fig. 8 Outeiro Redondo. Aspecto actual de uma das sondagens realizadas por Gustavo Marques, em sector adjacente à área explorada entre 2005 e 2008 e respectiva planta desta última, com a sua implantação no terreno (foto de J. L. Cardoso; desenho da planta de B. Ferreira; base topográfica cedida pela Câmara Municipal de Sesimbra).

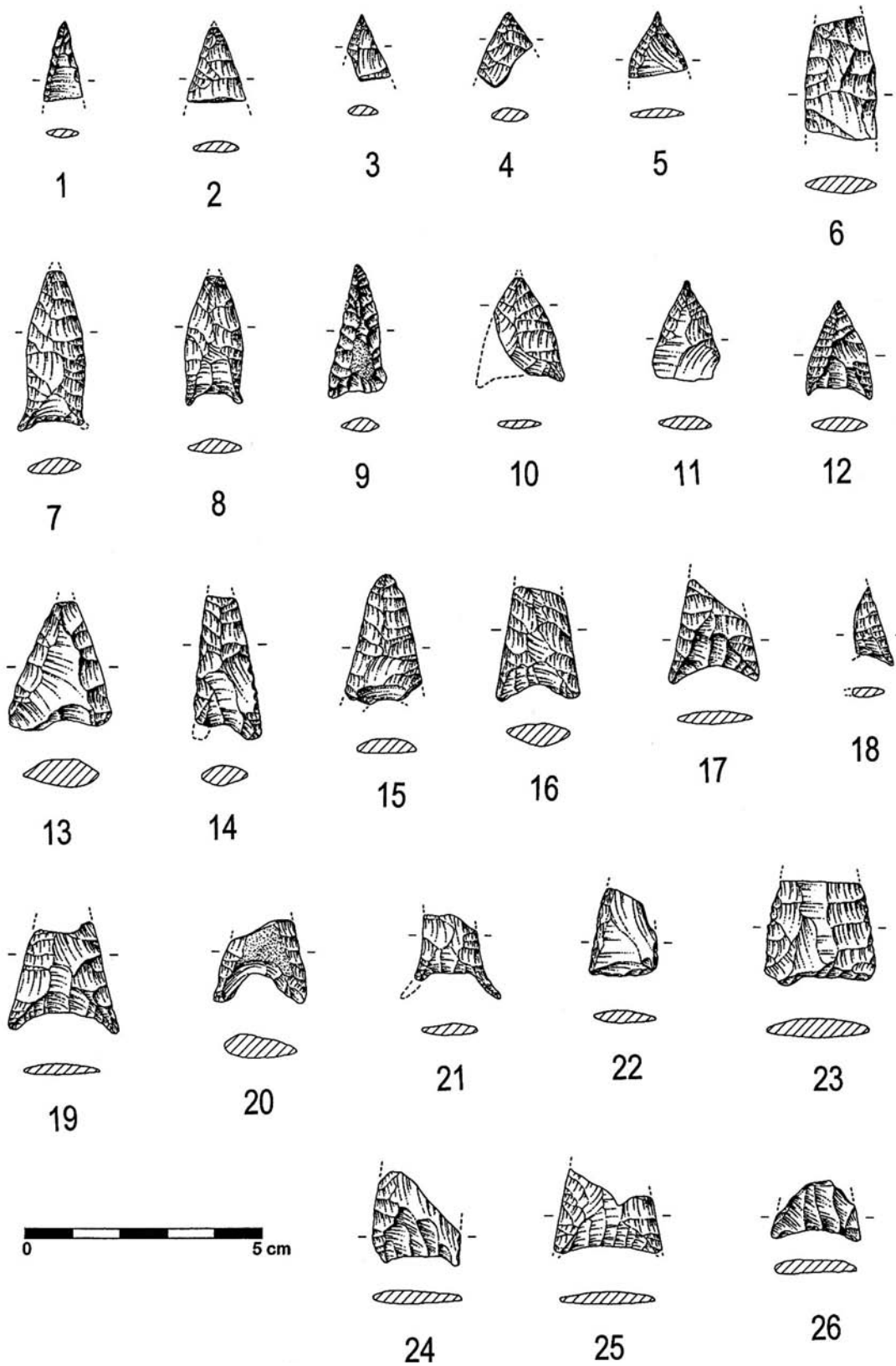


Fig. 9 Outeiro Redondo. Indústria lítica: pontas de seta de sílex.

tível com o Calcolítico Inicial ou Pleno da Estremadura, sendo de ambos características as pontas mitriformes, representadas por diversos exemplares.

Lamelas

Na Fig. 10, n.ºs 1 a 8, 11 e 12, representam-se as lamelas existentes na colecção em apreço, a maioria delas fracturadas. Note-se que este tipo instrumental tem assinalável longevidade, atingindo plenamente o Calcolítico, sem alterações, desde pelo menos o Neolítico Antigo, o que pode ser em parte explicável pela especificidade das funções que lhe estavam associadas.

Lâminas

Recolheram-se fragmentos de duas lâminas (Fig. 10, n.ºs 9 e 10), uma delas não retocada e com marcas de utilização num dos bordos laterais (“lustre de cereal”), a outra de secção espessa e retocada por largos levantamentos ao longo de um dos bordos.

Raspadores duplos convexos e convergentes

Três exemplares (Fig. 10, n.ºs 11, 14 e 15), obtidos a partir de lâminas espessas, apresentam-se fortemente retocados em um ou nos dois bordos laterais, por trabalho contínuo, transformando-os assim em raspadores duplos convexos e convergentes, munidos de uma ponta distal mais ou menos pronunciada e que poderia ser utilizada como furador.

Furadores

Um exemplar, sobre lasca espessa e curta, apresenta uma ponta robusta e pronunciada, utilizada como furador espesso (Fig. 10, n.º 20).

Raspadeiras

Uma lasca conservando no anverso o córtex natural, apresenta levantamentos em quase toda a periferia, transformando-a em raspadeira (Fig. 10, n.º 21).

Foliáceos bifaciais

Usualmente designados por “foicinhas”, ou lâminas ovóides (melhor seria de contorno elipsoidal, embora muitas delas o não possuam), as folhas de trabalho bifacial cobridor encontram-se representadas na colecção por três exemplares incompletos (Fig. 10, n.ºs 16, 17 e 19).

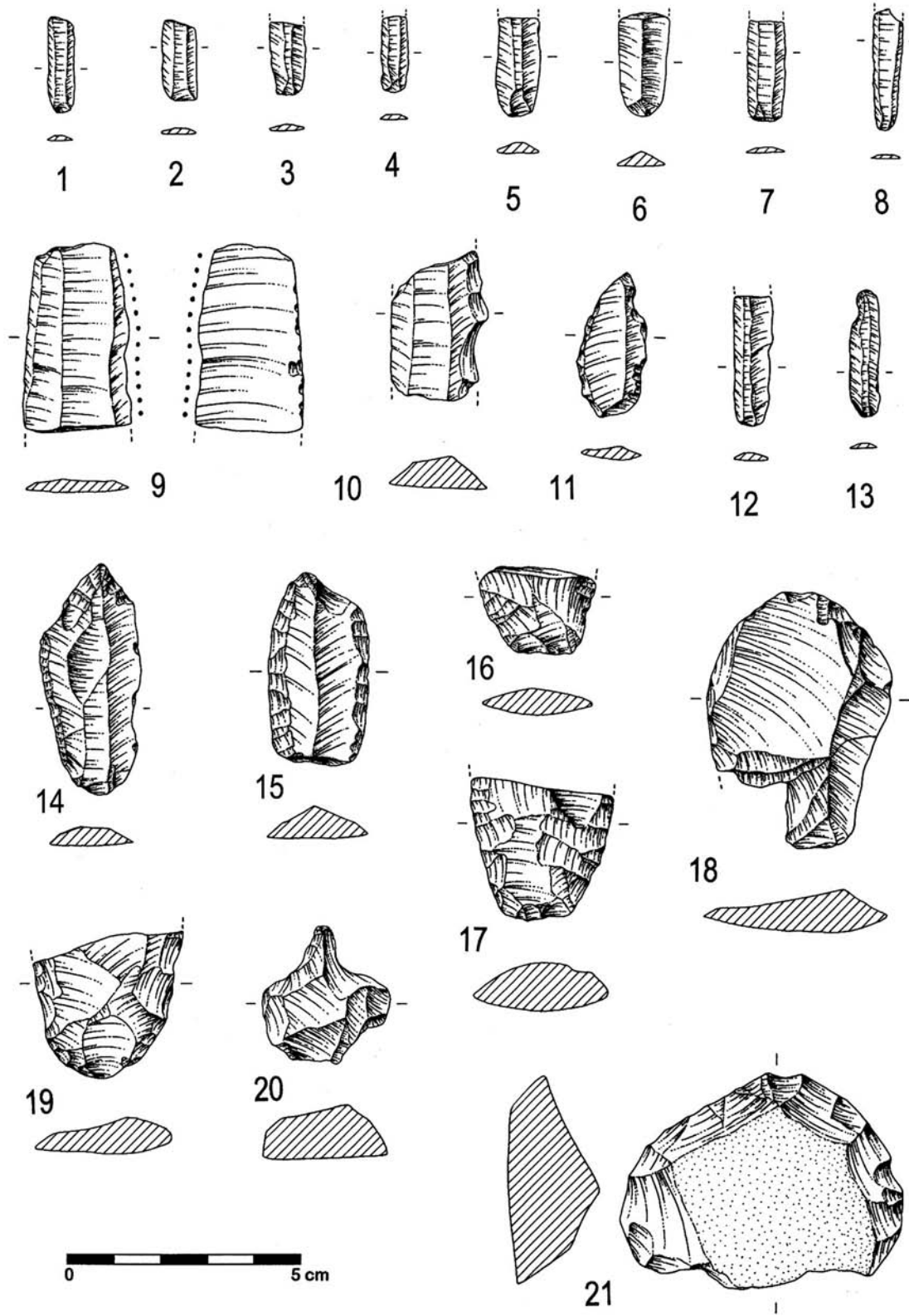


Fig. 10 Outeiro Redondo. Indústria lítica: lamelas, lâminas, raspadores, raspadeiras, furadores e foliáceos de talhe bifacial, de sílex.

Lascas retocadas

Uma lasca larga e de contorno elipsoidal, apresenta levantamentos periféricos, podendo corresponder a um elemento foliáceo abandonado em curso de trabalho (Fig. 10, n.º 18).

3.2. Indústria de pedra polida

Machados

Recolheu-se fragmento de machado espesso de anfíbolito, do qual se conserva parte da extremidade distal, com gume convexo e sinais de utilização (Fig. 11, n.º 3).

Machados reutilizados como percutores

Estão presentes dois machados largos e pouco espessos, de anfíbolito, de secção rectangular, quase integralmente polidos em ambas as faces, exceptuando pequenas depressões existentes nos suportes originais não completamente apagadas. Apresentam as duas extremidades opostas fortemente massacradas devido à sua reutilização como percutores ou pilões (Fig. 11, n.ºs 1 e 2).

A presença exclusiva do anfíbolito entre as rochas duras utilizadas, mostra a importância que esta matéria-prima detinha para a produção do instrumental de pedra polida calcolítico utilizado nos povoados da Baixa Estremadura, cujos afloramentos mais próximos se situam na bordadura do Maciço Antigo, entre Montemor-o-Novo, Avis e Abrantes (Cardoso & Carvalhosa, 1995). Com efeito, o estudo estatístico efectuado em Leceia das variações, ao longo do tempo, das rochas utilizadas para a confecção de artefactos de pedra polida, evidenciou o acréscimo da importação desta rocha, justificado pelas suas propriedades de dureza e tenacidade, desde o Neolítico Final ao Calcolítico Pleno, em consonância com o fenómeno da intensificação económica e da consequente interacção, de carácter trans-regional, então verificada (Cardoso, 2004a).

3.3. Indústria de pedra afeiçãoada

Inclui-se neste parágrafo um artefacto atribuível a peso de rede (Fig. 11, n.º 4), idêntico a outros do Calcolítico da Estremadura, inventariados a propósito da ocorrência de exemplares análogos em Leceia (Cardoso, 1995). Trata-se de peça de calcário, como algumas das identificadas naquele povoado, de formato elipsóide, com a superfície afeiçãoada e regularizada por picotagem, possuindo um sulco, segundo o maior diâmetro perimetral, atribuível à fixação de uma corda, compatível com o uso que lhe foi atribuído.

3.4. Indústria metálica

Embora apenas representado por três artefactos, o conjunto metálico de cobre exumado assume elevado interesse. Com efeito, integra um pequeno lingote paralelepípedo, cuja morfologia regular o remete para o exemplar mais expressivo do Calcolítico estremenho (Fig. 11, n.º 6).

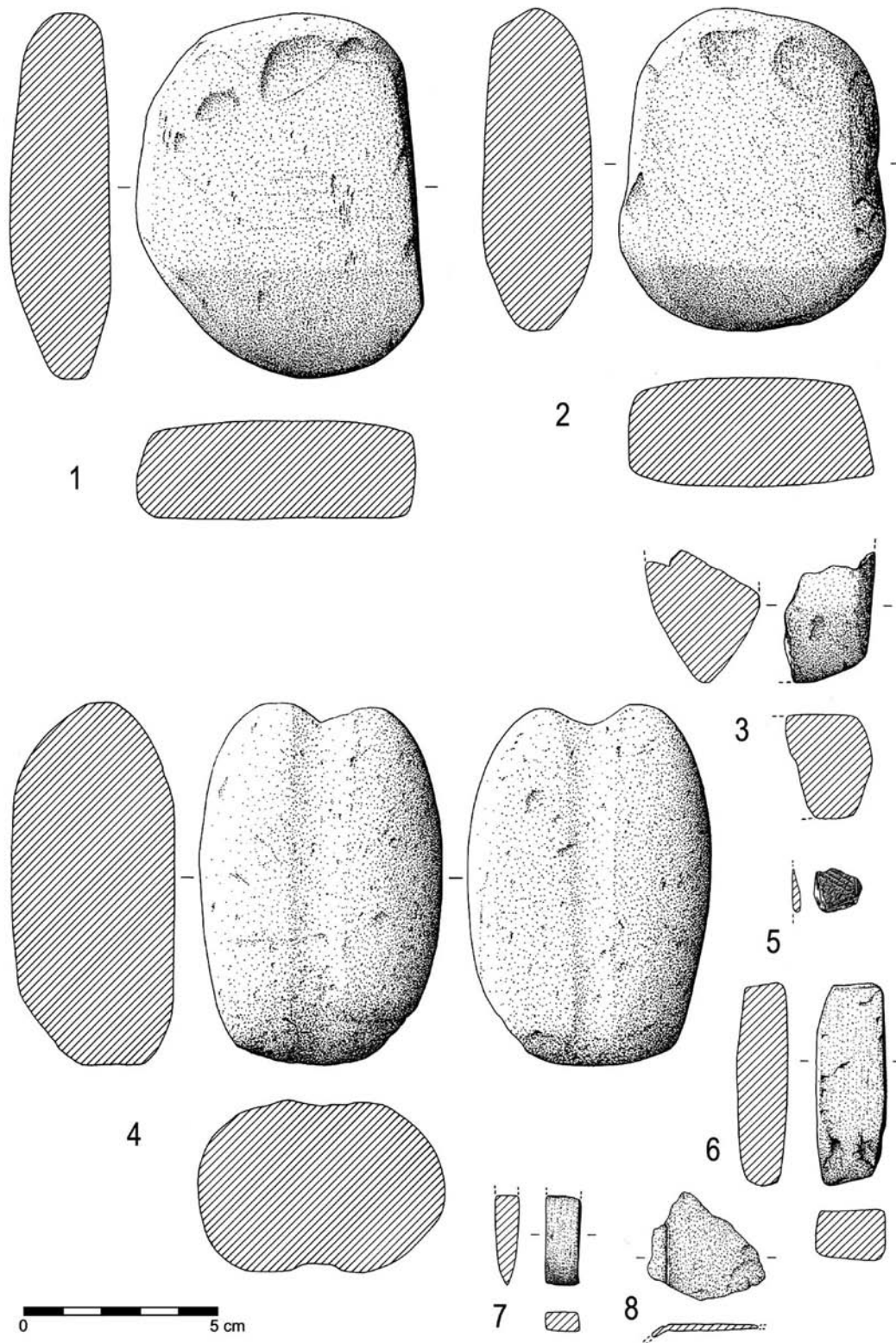


Fig. 11 Outeiro Redondo. Indústria lítica: dois machados reutilizados como percutores, de anfibólito, fragmento de machado, também de anfibólito, e provável peso de rede, de calcário. Indústria metálica: extremidade de escopro ou cinzel, lingote e chapa de cobre. Artefactos ideotécnicos: pequeníssimo fragmento de placa de xisto com decoração geométrica.

Tendo sido já publicado anteriormente (Cardoso, 2004b, Fig. 59), este exemplar corporiza, tal como outros, a importação de uma matéria-prima que, embora existisse na Estremadura e fosse susceptível de ser explorada com a tecnologia da época, como é o caso das ocorrências de malaquite, cuprite e calcosite (Thadeu, 1965), relacionadas com o vale tifónico de Caldas da Rainha, não ocorreria em quantidades suficientes para suprir às necessidades então sentidas em matéria de aprovisionamento do cobre pelas comunidades calcolíticas sedeadas na referida região. Com efeito, embora a exploração dos recursos cupríferos estremenhos possa ser sugerida pela abundância relativa de artefactos de cobre no Outeiro de São Mamede, Bombarral, próximo daquelas potenciais zonas de exploração, incluindo diversos lingotes de pequenas dimensões, um deles semelhante ao do Outeiro Redondo (Cardoso & Carreira, 2003, Fig. 40, n.º 6), sem esquecer a expressiva presença de um martelo de mineração, entre os materiais exumados (Cardoso & Carreira, 2003, Fig. 15, n.º 1), recente trabalho evidenciou que as fontes de abastecimento dos habitantes do povoado pré-histórico de Leceia, situado mais longe daquelas mineralizações, perto do estuário do Tejo, se relacionavam com explorações associadas a filões de quartzo, de expressão disseminada pelo Alto Alentejo (Müller & Cardoso, 2008). Deste modo, a ocorrência do pequeno lingote de cobre do Outeiro Redondo, bem como outros oriundos de Leceia (Cardoso & Fernandes, 1995; Cardoso, 2004b, Fig. 59), corporiza a circulação trans-regional desta matéria-prima entre o Alentejo e a Estremadura, sempre em pequenas quantidades de cada vez, como é demonstrado pelo próprio tamanho dos lingotes conhecidos.

Tendo presente a posição geográfica do Outeiro Redondo, a ocidente dos caminhos que mais directa e facilmente punham em ligação a Estremadura com o Alto Alentejo ocidental, pode concluir-se que a ocorrência da peça em apreço se relacionaria com o abastecimento de cobre dos habitantes do povoado, destinado a transformação em diversos tipos de artefactos de uso doméstico, como os recuperados nas escavações ali conduzidas pelo signatário entre 2005 e 2008. Dessas peças de carácter utilitário, a colecção em apreço apenas possui dois exemplares, a extremidade de um escopro ou cinzel de secção rectangular (Fig. 11, n.º 7) e uma chapa informe, com um sulco rectilíneo numa das faces (Fig. 11, n.º 8).

3.5. Artefactos de cunho simbólico

Regista-se apenas a presença de um pequeno fragmento de placa de xisto decorada, com padrão geométrico de linhas cruzadas, correspondendo talvez ao preenchimento de triângulos ou de outras figuras geométricas, como é frequente em tais peças (Fig. 11, n.º 5). A produção deste tipo artefactual assume a sua máxima ocorrência no Alto Alentejo, onde se crê tenha sido seu o foco difusor original. Deste modo, as placas de xisto conhecidas na Estremadura em geral, e na região de Sesimbra em particular — com destaque para as recolhidas na lapa do Bugio (Cardoso, 1992) — são o resultado da difusão destas produções ideotécnicas para ocidente, entre os finais do IV milénio os princípios do milénio seguinte, podendo as mais recentes, entre as quais surgem novas representações, de carácter mais marcadamente antropomórfico, conotáveis com a deusa calcolítica, atingirem os meados do III milénio. Prova da continuação da utilização simbólica destas placas, mesmo das que ostentam apenas motivos geométricos, é a sua ocorrência em contextos claramente calcolíticos, como é o caso do conjunto recolhido na sepultura de falsa cúpula de Escoural, Montemor-o-Novo, onde se registou o mais elevado número de placas conhecido até hoje (Santos & Ferreira, 1969). A ocorrência do pequeno fragmento agora publicado reforça a pervivência da produção calcolítica das placas de xisto decoradas, cujo paralelo calcolítico seguro mais próximo corresponde ao exemplar recolhido no povoado calcolítico do Pedrão, Setúbal (Soares & Silva, 1975).

Naturalmente, pode sempre admitir-se a possibilidade de algumas das ocorrências verificadas em contextos calcolíticos habitacionais da Estremadura corresponderem a reaproveitamentos de peças mais antigas recolhidas em sepulcros da região, como poderá ser o caso, além da placa do Pedrão, dos exemplares recolhidos em Vila Nova de São Pedro, Azambuja e Outeiro de S. Mamede, Bombarral; mas bastaria a ocorrência maciça de exemplares do sepulcro calcolítico do Escoural para obrigar a contemplar o fabrico destes objectos naquela época, naturalmente nos espaços habitados, como os referidos. É interessante notar que os exemplares reportados aos referidos povoados calcolíticos, correspondem a tipo de ampla difusão supra-regional, decorado por triângulos isósceles, em posição normal, organizados em bandas horizontais (Cardoso, 2004b, Fig. 72).

Apesar da sua pequenez, que impossibilita a identificação do padrão decorativo, é interessante registar a ocorrência deste fragmento, o qual poderá resultar dos contactos estabelecidos com o hinterland alentejano, que explicam também a presença do pequeno lingote de cobre, bem como das rochas anfíbolíticas, em que foram produzidos os exemplares de pedra polida presentes na colecção.

3.6. Indústria óssea

Nas Figs. 12 e 13 apresentam-se os artefactos de osso identificados. Para a sua descrição, seguiu-se a terminologia apresentada no estudo do conjunto homólogo recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (Cardoso, 2003). No entanto, como se concluiu daquele estudo, verifica-se um conservadorismo de formas entre os diversos conjuntos de carácter cronológico-cultural ali representados, desde o Neolítico Final ao Calcolítico Pleno, não existindo nenhuma ocorrência especialmente deles característica.

Furadores obtidos pelo seccionamento oblíquo de ossos longos

Foi identificado um exemplar, obtido sobre tibia de ovino-caprino, com indícios de uso (Fig. 12, n.º 1). Trata-se de um tipo artefactual particularmente comum em contextos calcolíticos da Estremadura, cuja origem remonta pelo menos ao Neolítico Final da região, segundo os resultados obtidos em Leceia. Com efeito, o tipo correspondente ao seccionamento longitudinal dos ossos longos, comuns em contextos mais antigos, atribuíveis ao Neolítico Médio, como a gruta do Lugar do Canto, Alcanena (Cardoso & Carvalho, 2008), parece ter sido substituído a partir do Neolítico Final, pelo tipo que se veio a afirmar plenamente no Calcolítico, obtido por seccionamento oblíquo da diáfise.

Furadores sobre esquirolas de diáfises de ossos longos partidos longitudinalmente

Trata-se de grupo muito heterogéneo, em resultado da variabilidade morfológica do suporte original.

Um exemplar corresponde a uma esquirola de osso longo de bovídeo, afeiçoada na parte distal (Fig. 12, n.º 2); o outro, muito incompleto, foi executado em esquirola de osso longo indeterminado de ovino-caprino (Fig. 12, n.º 4).

A este grupo podem também reportar-se as extremidades distais de dois outros exemplares (Fig. 12, n.ºs 3 e 8).

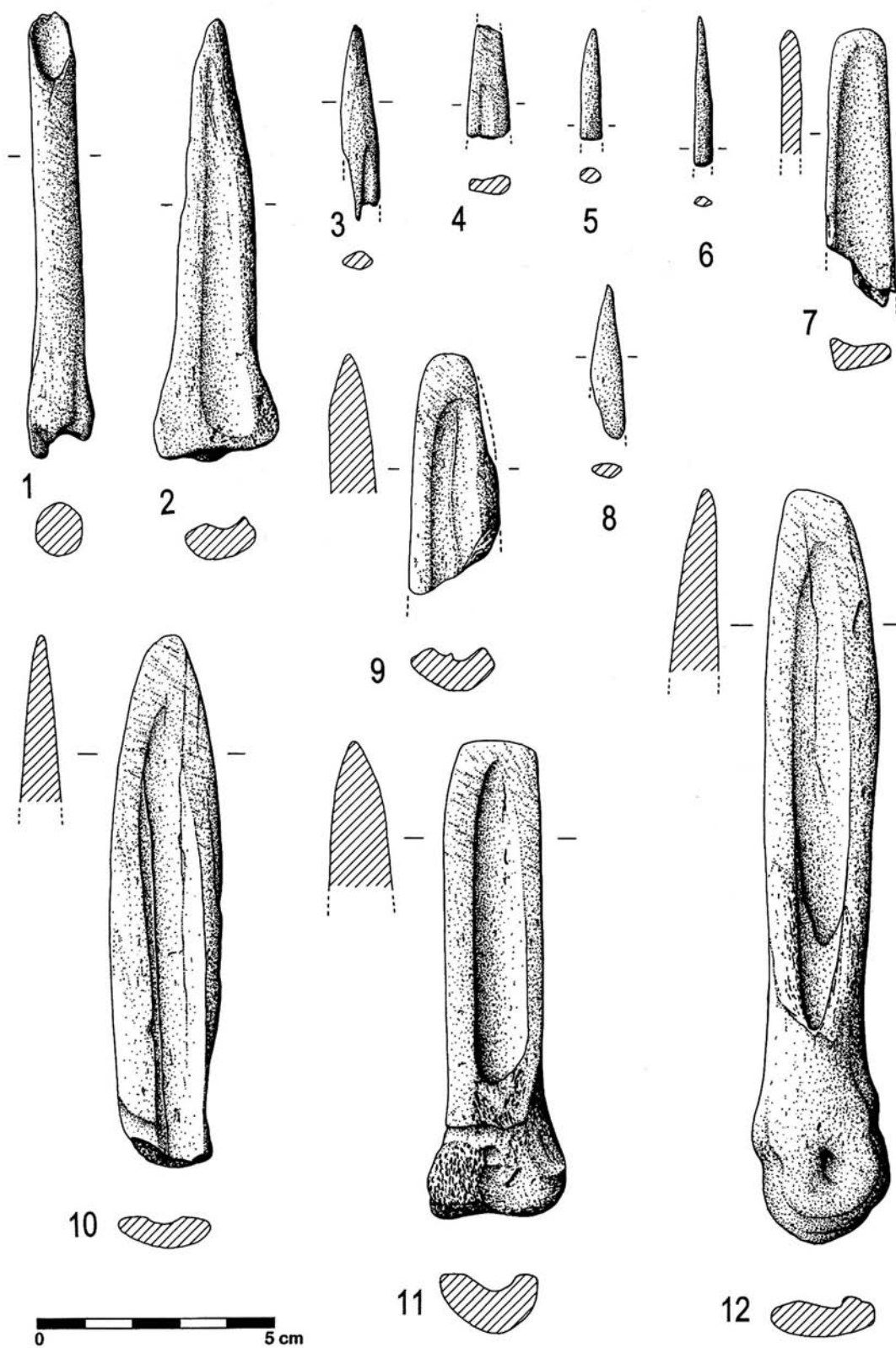


Fig. 12 Outeiro Redondo. Indústria óssea.

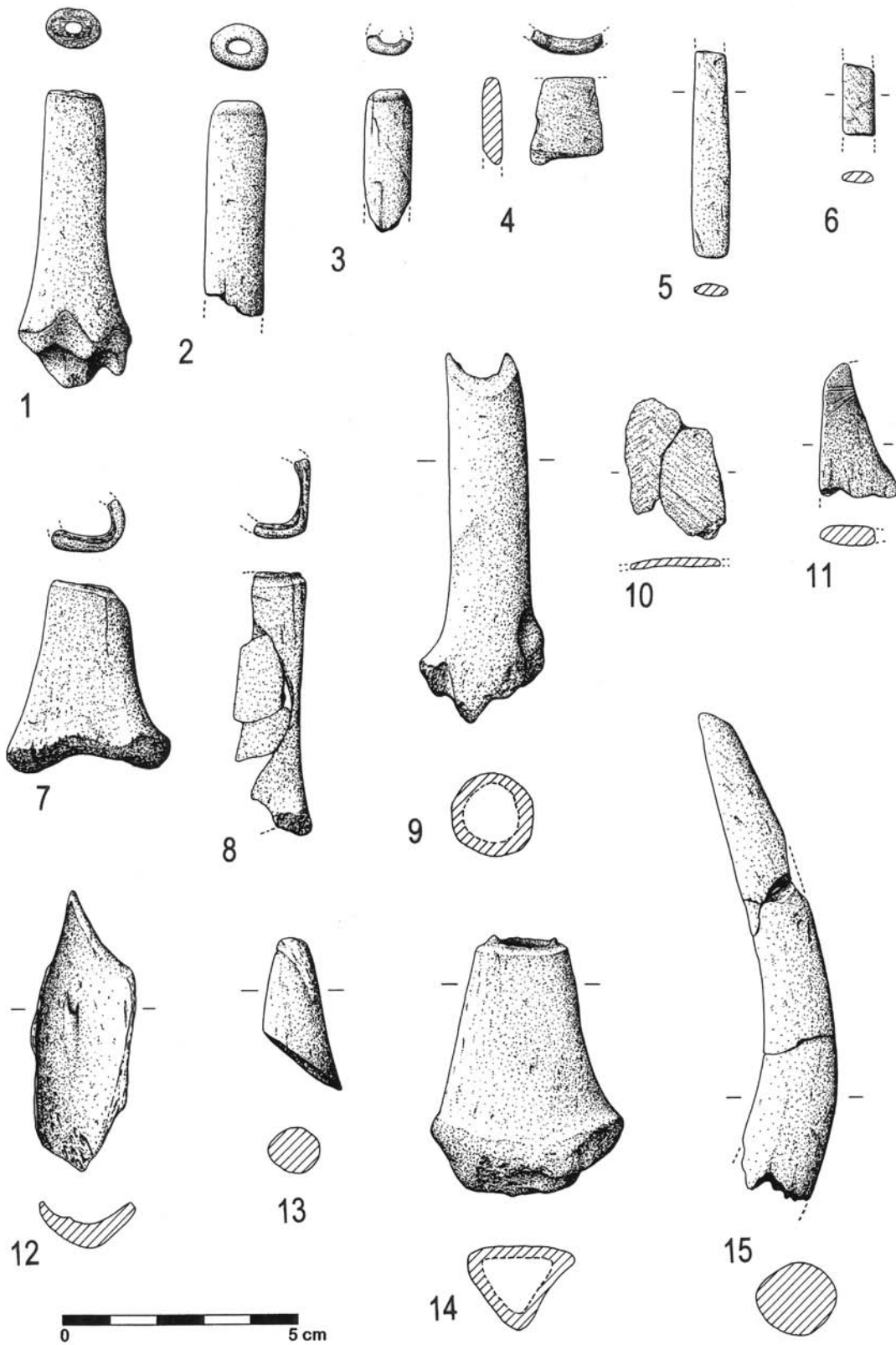


Fig. 13 Outeiro Redondo. Indústria óssea.

Furadores sobre esquirolas irregulares

O aproveitamento circunstancial de esquirolas como furadores, a partir de afeiçoamento expedito, encontra-se documentado por um exemplar, aparentemente sobre osso de bovídeo, dadas as dimensões (Fig. 13, n.º 12).

Furadores sobre extremidade de galho de cervídeo

Foi considerado um exemplar, cuja funcionalidade carece de confirmação, dada a morfologia natural do suporte (Fig. 13, n.º 15). Desta forma, pode tratar-se simplesmente de uma extremidade de galho de veado, com desgaste natural.

Furadores indetermináveis

Identificou-se a extremidade de um furador de grande robustez, de secção circular maciça, que poderá corresponder a exemplar realizado sobre cúbito de bovino, pertencente a um tipo de exemplares por vezes também designados por punhais (Fig. 13, n.º 13). Com efeito, alguns dos exemplares recolhidos em Leceia ostentam uma perfuração, na extremidade proximal, destinada a suspensão ou fixação ao cinto, situação que é compatível com punhal de caça (Cardoso, 2003, Fig. 22, n.ºs 1 e 2).

Agulhas ou sovelas

Trata-se de exemplares com polimento total, ou quase, inviabilizando a identificação anatómica dos respectivos suportes ósseos. Estão representados por quatro exemplares, dois deles correspondentes à extremidade distal das peças (Fig. 13, n.ºs 5 e 6), correspondendo os outros dois à porção basal e mesial (Fig. 13, n.º 5) ou mesial (Fig. 13, n.º 6) do osso original.

Formões

Recolheram-se cinco exemplares, todos eles com extremidade distal cortante, obtida por biselemento a partir essencialmente de uma das faces, dos quais três parecem ter a mesma proveniência (Fig. 12, n.ºs 7, 11 e 12), o que poderá configurar a existência de uma área especializada de carácter funcional, atendendo a que se trata de um tipo artefactual pouco abundante, no conjunto da indústria óssea de Leceia. Desses três exemplares, dois são confeccionados em esquirolas de ossos longos de bovídeo, um deles correspondente à porção distal de um metápodo (Fig. 12, n.º 12). Os dois outros exemplares foram igualmente realizados sobre esquirolas de ossos longos de bovídeo (Fig. 12, n.ºs 9 e 10).

Cabos

Trata-se de um conjunto muito abundante, constituído por exemplares de ossos longos, seccionados em uma ou em ambas as extremidades (Fig. 13, n.ºs 1 a 3, 7 a 9 e 14) por serragem, seguida nalguns casos de polimento. A sua atribuição a cabos encontra-se documentada em alguns exemplares por conservarem ainda as respectivas sovelas ou punções de cobre (Cardoso, 2003). Alguns exemplares possuem parcialmente as superfícies anatómicas dos suportes originais, permitindo a respectiva identificação; assim, independentemente de podermos atribuir a totalidade dos exemplares a ossos de ovinos-caprinos, o representado na Fig. 13, n.º 1, corresponde a porção distal de tibia de indivíduo imaturo, com falta da epífise, enquanto o exemplar da Fig. 13, n.º 14, é reportável à porção proximal de tibia, também de indivíduo imaturo, por lhe faltar a epífise proximal.

Placas ósseas indeterminadas

Reconheceram-se dois fragmentos de placas de osso polidas em ambas as faces, de utilização desconhecida (Fig. 13, n.ºs 10 e 11), uma delas com indícios de decoração em espinha.

Recipientes (?)

Um fragmento, executado sobre diáfise de osso totalmente polido, conservando o bordo, também polido e boleado (Fig. 13, n.º 4), pode corresponder a uma porção de recipiente, dada a curvatura da parede, de diâmetro superior ao observado em cabos. A ocorrência deste tipo artefactual, de cunho marcadamente calcolítico, é rara em povoados, ao contrário do que se verifica não só em contextos funerários da Estremadura, mas também do Sudeste espanhol. Contudo, foram reconhecidos, na primeira daquelas regiões, em diversos sítios de maior importância, com destaque para Vila Nova de S. Pedro (Paço, 1960). Em Leceia, recolheram-se três exemplares, sendo um decorado e dois lisos; destes, um apresenta-se muito semelhante, terminando também em bordo simples, ao agora dado a conhecer (Cardoso, 2003, Fig. 41, n.º 6).

3.7. Indústria cerâmica

A indústria cerâmica apresenta-se desenhada por conjuntos, conforme as associações encontradas nas respectivas gavetas onde se guardava a colecção, e as marcações de Gustavo Marques que, individualmente, se encontravam apostas em todas as peças.

Assim, optou-se por manter as referidas associações porque, embora se desconheçam presentemente os locais escavados de onde provieram, revelam uma realidade arqueológica que importava apresentar, com base no respectivo registo gráfico.

Cerâmicas decoradas

As cerâmicas decoradas são, em qualquer povoado calcolítico da Estremadura, os elementos de maior interesse para a identificação das diferentes fases cronológico-culturais neles representa-

dos. No caso, os elementos que integram a presente colecção inscrevem-se no Calcolítico Inicial e no Calcolítico Pleno da Estremadura, por serem compatíveis com os homólogos encontrados em posição estratigráfica no decurso das escavações e que evidenciaram a existência daqueles dois períodos de ocupação no sítio fortificado.

Importa, contudo, matizar a distribuição estratigráfica das diversas formas e padrões decorativos, dentro de um critério de distribuição estatística observado nos sucessivos contextos identificados. Quer isto dizer que, depois do estudo sistemático efectuado sobre as cerâmicas decoradas do povoado pré-histórico de Leceia (Cardoso, 2007), embora se reconheçam atributos particulares às cerâmicas dos sucessivos grupos humanos que ocuparam aquele importante povoado, os tipos que caracterizam de cada uma daquelas sucessivas etapas de ocupação não são necessariamente delas exclusivos.

Com efeito, para além de naturais sobrevivências residuais das produções, que na verdade constituem um *continuum* onde as mais antigas vão sendo substituídas progressivamente por outras, com características distintas, com períodos de coexistência mais ou menos prolongados, há que atender às inevitáveis movimentações sin- ou pós-deposicionais de materiais, situação que foi particularmente evidenciada no Outeiro Redondo, devido à vigorosa topografia correspondente à área escavada.

Além daquela realidade, importa também ter em conta as próprias limitações dos métodos de escavação disponíveis: em intervenções que interessem vastas áreas, é sempre difícil determinar o tecto e o muro das camadas sucessivamente depositadas, especialmente quando tais camadas não se formaram de forma natural, antes resultando exclusivamente da actividade antrópica, havendo, deste modo, lugar a inevitáveis misturas de materiais, ainda que com expressão limitada. É por isso que qualquer análise de distribuição de espólios cerâmicos, no quadro da caracterização cronológico-cultural da ocupação de um qualquer sítio arqueológico, deverá basear-se em resultados representativos, do ponto de vista estatístico, através da identificação das produções dominantes, susceptíveis de caracterizarem do ponto de vista cronológico-cultural cada uma das sucessivas ocupações. Dito isto, importa então verificar as produções que foram identificadas no conjunto em apreço e qual a sua relevância como indicadores cronológico-culturais, no quadro do Calcolítico estremenho.

Copos canelados

Trata-se de produções características do Calcolítico Inicial da Estremadura. Conforme foi primeiramente identificado por A. do Paço em Vila Nova de S. Pedro (Paço, 1959), os copos reconheceram-se como fazendo parte de uma associação fechada, com expressão estratigráfica, considerada mais antiga que o dispositivo defensivo interno ali identificado. Mais tarde, o significado cronológico-cultural destas produções foi confirmado em outros povoados estremenhos, destacando-se, nestes últimos, o do Zambujal, onde se verificou concentrarem-se nas camadas mais antigas da ocupação (Kunst, 1996), tal como em Leceia, onde foram reportadas à segunda fase cultural de ocupação do sítio (Cardoso, 2000, 2008); neste último, ocorrem numa grande unidade estratigráfica, designada por Camada 3, coeva da construção e utilização do imponente dispositivo defensivo ali identificado, sempre representada qualquer que seja o local da vasta área escavada. A formação da referida camada, sendo essencialmente margosa, pode conotar-se com a degradação da parte superior das construções, tanto defensivas como habitacionais, as quais seriam constituídas por uma mistura de materiais argilosos.

No Outeiro Redondo, as escavações realizadas permitiram identificar a ocorrência de copos canelados, especialmente nos níveis mais profundos da ocupação, atribuíveis à referida etapa cultural, confirmando-se assim as observações estratigráficas realizadas nos três mais importantes povoados fortificados estremenhos.

No conjunto em apreço, identificaram-se também diversos fragmentos de tais recipientes: em contextos de superfície (Fig. 14, n.ºs 19 e 20) e em contextos estratigrafados, cujo significado e localização no terreno se desconhecem (Fig. 16, n.ºs 1, 5, 14 e 15; Fig. 17, n.º 10; Fig. 18, n.ºs 4, 6, 8 e 10; Fig. 19, n.ºs 17 e 18; Fig. 21, n.º 4; Fig. 24, n.ºs 2, 3 e 14).

Os fragmentos apresentam-se, como é usual, decorados com uma banda de caneluras horizontais, feitas com ponta romba, abaixo do bordo, possuindo outra banda acima do fundo, que é plano ou ligeiramente convexo. Por vezes, o espaço intermédio, correspondente ao bojo cilindróide dos recipientes, de paredes verticais ou levemente côncavas, apresenta-se também decorado, por motivos geométricos, em geral constituídos por linhas rectilíneas, obtidas por caneluras ainda mais tênues que as anteriores (Fig. 16, n.º 1), mais raramente integrando linhas curvas (Fig. 17, n.º 5). Excepcionalmente, os copos podem apresentar-se completamente lisos (Fig. 15, n.º 18). Um exemplar não figurado evidencia várias perfurações, efectuadas depois do cozimento, que parecem relacionadas com o restauro do exemplar. Situações análogas são conhecidas em materiais coevos da Estremadura (Cardoso, 1981).

A qualidade das pastas e dos acabamentos é outra característica que diferencia estas produções das chamadas cerâmicas lisas comuns. Com efeito, as pastas apresentam-se duras e em geral bem depuradas, permitindo a confecção de recipientes com paredes pouco espessas, cujas superfícies foram sempre bem regularizadas antes da aplicação de uma aguada, conferindo-lhes brilho ligeiro a acetinado. Tais diferenças, face aos recipientes comuns, justificaram, em décadas passadas, a hipótese de serem produções importadas: trata-se da “Importkeramik” de alguns dos autores alemães, que influenciaram profundamente o paradigma orientalista e difusionista, também adoptado então por arqueólogos portugueses. Os recipientes em apreço possuem dimensões que raramente ultrapassam 20 cm de diâmetro, sendo propícios à utilização como vasos para beber ou conter líquidos: daí a sua designação como “copos”, fixada na literatura. Contudo, existem recipientes de pequeníssimas dimensões, como o da Fig. 19, n.º 17, que se destinariam a outros fins, tendo, nas pequenas taças, lisas ou igualmente decoradas por caneluras, os seus mais próximos paralelos. Neste aspecto, possuem equivalente nos dois exemplares, também lisos, recolhidos na Gruta 1 de São Pedro do Estoril (Leisner, Paço & Ribeiro, 1964, Est. G, n.ºs 31, 32).

Taças caneladas

As taças caneladas são recipientes afins dos copos canelados e, em grande medida, deles contemporâneos, sendo igualmente caracterizados por uma banda de linhas horizontais realizadas abaixo do bordo. Contudo, parece que lhes sobreviveram no tempo. Com efeito, a presença, no vizinho povoado da Rotura, de taças caneladas na camada basal, sem que nela ocorram copos (Ferreira & Silva, 1970; Silva, 1971), é disso indício. Também em Leceia essa conclusão se pode extrair da maior presença de taças caneladas na camada correspondente ao Calcolítico Pleno relativamente aos copos, apesar de ambos os tipos serem característicos do Calcolítico Inicial (Cardoso, 2007).

No Outeiro Redondo, existem particularidades na técnica decorativa destes recipientes que não se observaram em Leceia: com efeito, enquanto que aqui as caneluras são produzidas por uma ponta romba, idênticas às observadas nos copos, na estação em apreço tais linhas foram frequen-

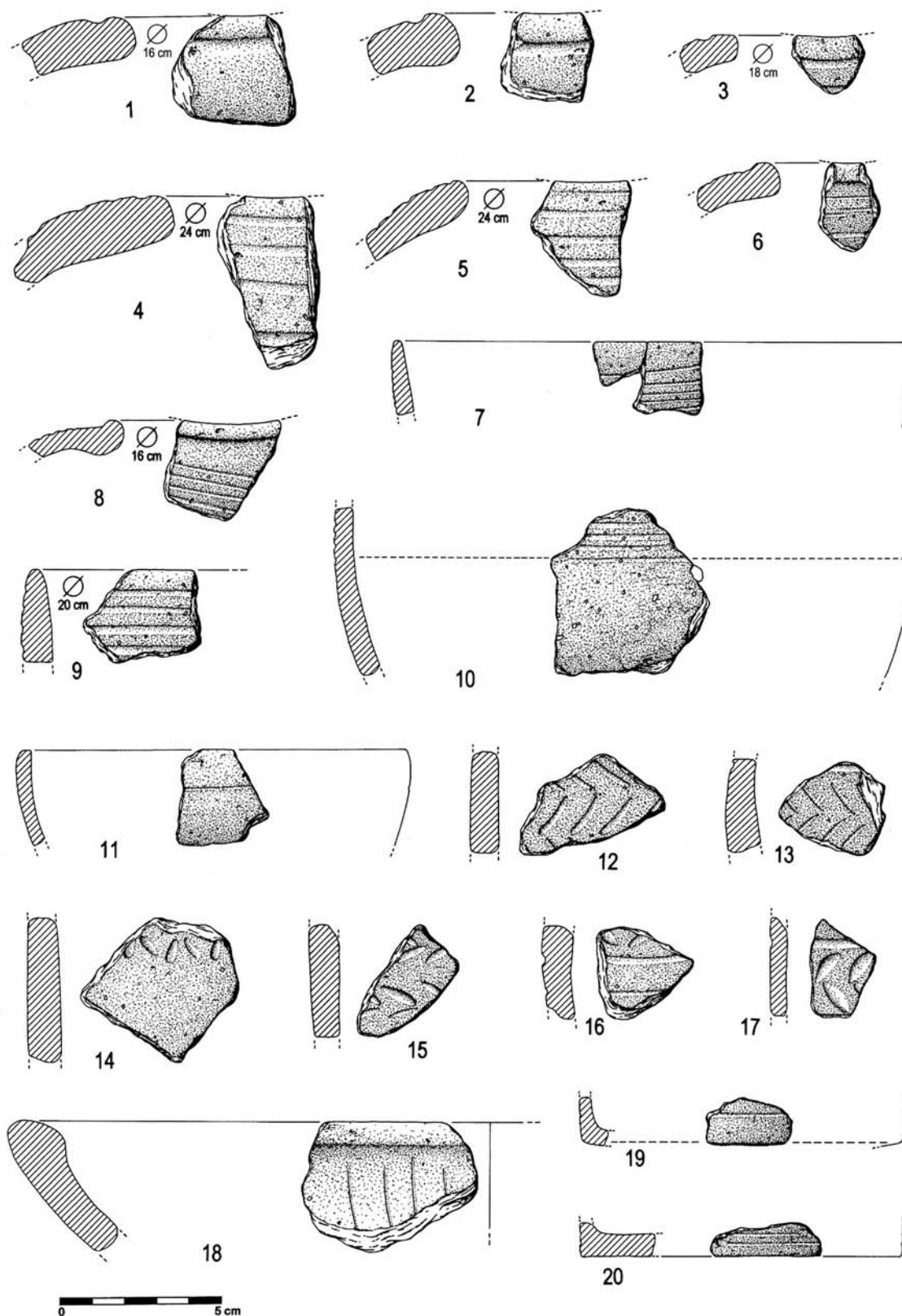


Fig. 14 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla S (superfície?) (D8, D9 e D10).

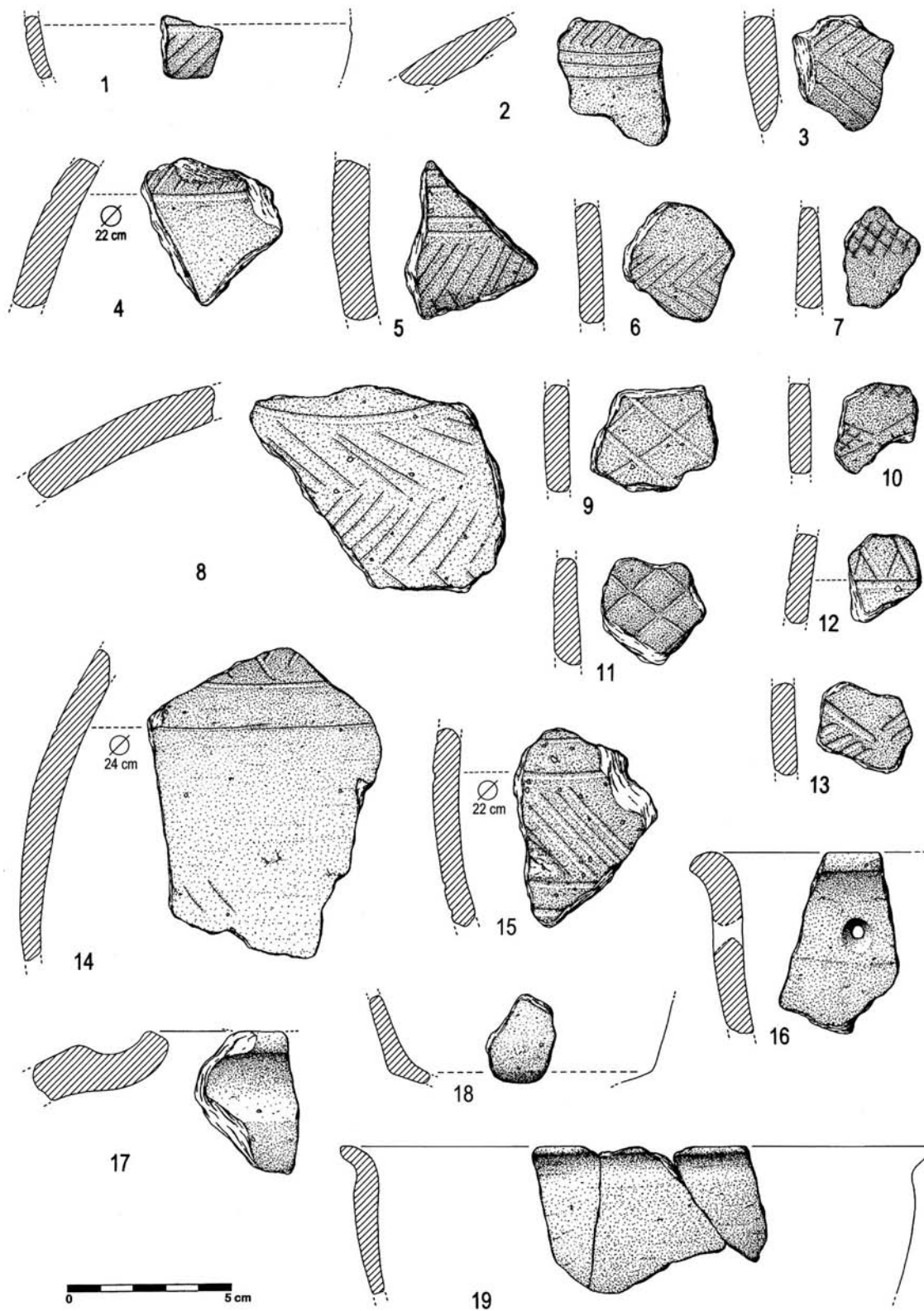


Fig. 15 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla S (superfície?) (D8, D9, D10 D12 e D13).

temente produzidas por uma ponta afilada, traduzindo-se mais por incisões do que por caneluras, por vezes descontínuas, em resultado das finas incisões assim produzidas serem muito superficiais (Fig. 14, n.ºs 7 e 11; Fig. 17, n.ºs 1 e 4; Fig. 20, n.ºs 4, 7, 9, 18 e 20).

Tal particularidade ocorre, esporadicamente, também nos copos, como se verifica nos exemplares das Fig. 14, n.ºs 19 e 20; Fig. 17, n.º 10; Fig. 18, n.º 9; Fig. 19, n.º 18 e Fig. 24, n.º 14), o que sugere o fabrico local de ambos os tipos de recipientes.

Porém, noutras taças é a técnica clássica, correspondente à execução de caneluras pouco fundas, de secção em U, que se evidencia (Fig. 14, n.ºs 9 e 10; Fig. 16, n.º 6; Fig. 17, n.ºs 2 e 6; Fig. 18, n.º 11; Fig. 19, n.º 16; Fig. 20, n.ºs 10, 11, 12 e 14; Fig. 21, n.º 6; Fig. 24, n.ºs 4, 6 e 8).

Nalguns exemplares, à semelhança do observado nos copos, o bojo apresenta-se também decorado por caneluras. É o caso dos fragmentos da Fig. 15, n.º 1, decorado por linhas oblíquas, ou da pequena taça da Fig. 24, n.º 1, decorada por finíssimas linhas incisas abaixo do bordo, a que se sucede um padrão de espinhados horizontais; enfim, os fragmentos da Fig. 20, n.º 13 e Fig. 22, n.º 7, pertencentes a taças altas, exibem o bojo preenchido por linhas ondulantes verticais, configurando padrão decorativo pouco frequente, também documentado num vaso esférico de Leceia (Cardoso, 1994, Fig. 120, n.º 1).

Esféricos com decoração canelada

Deste conjunto excluem-se os grandes vasos esféricos, com decorações efectuadas por largos e fundos sulcos em torno da abertura, os quais se estudarão adiante, por tais recipientes, vulgarmente designados por “vasos de provisões” se encontrarem frequentemente associados aos padrões decorativos do tipo “folha de acácia” e “crucífera”, do Calcolítico Pleno. O conjunto ora considerado inclui os vasos esféricos de abertura delimitada, bordo simples ou espessado, decorados no bojo por ténues caneluras, idênticas às observadas nos copos e taças acima descritos. Tais caneluras podem desenvolver-se simplesmente em torno da abertura e no bojo (Fig. 14, n.ºs 3, 6 e 8; Fig. 22, n.ºs 1 e 3), ou multiplicar-se por motivos geométricos variados, ocupando a parte superior do bojo, em linhas oblíquas orientadas alternadamente para lados diferentes, à semelhança do padrão identificado em algumas taças, espinhados horizontais ou reticulados (Fig. 15, n.ºs 2, 3, 4, 5, 8, 14 e 15).

Estes padrões, tendo sido obtidos pela técnica das caneluras pouco profundas, também se encontram representados em outros fragmentos que, pela sua pequenez, não permitem conhecer a forma original dos recipientes, constituindo um elemento intermédio entre as caneluras simples e as decorações mais barrocas associadas aos padrões em “folha de acácia” e “crucífera”, do Calcolítico Pleno; em particular, os espinhados, obtidos pela técnica canelada (Fig. 14, n.ºs 12 e 13), ou incisa (Fig. 15, n.º 6; Fig. 23, n.º 2), mas formalmente idênticos aos referidos padrões, obtidos por impressão de uma matriz de contorno elipsoidal mais ou menos alongada, parecem corporizar esse momento de transição entre a aplicação da técnica canelada e a técnica impressa associada à “folha de acácia”.

Estar-se-ia, pois, na situação pela primeira vez identificada no povoado calcolítico fortificado da Columbeira (Bombarral), independentemente de se considerar essa etapa transitória ainda integrada no Calcolítico Inicial ou já no Pleno, da qual faziam ainda parte as taças caneladas com decoração simples abaixo do bordo, ainda não integrava os dois padrões característicos do Calcolítico Pleno — “folha de acácia” e “crucífera”, considerados mais modernos (Gonçalves, 1994). Esta realidade foi também identificada em Leceia; mas, dado o curto período em que se terá produzido a referida transição, e pelo facto de o povoado ter conhecido uma importante ocupação do Calco-

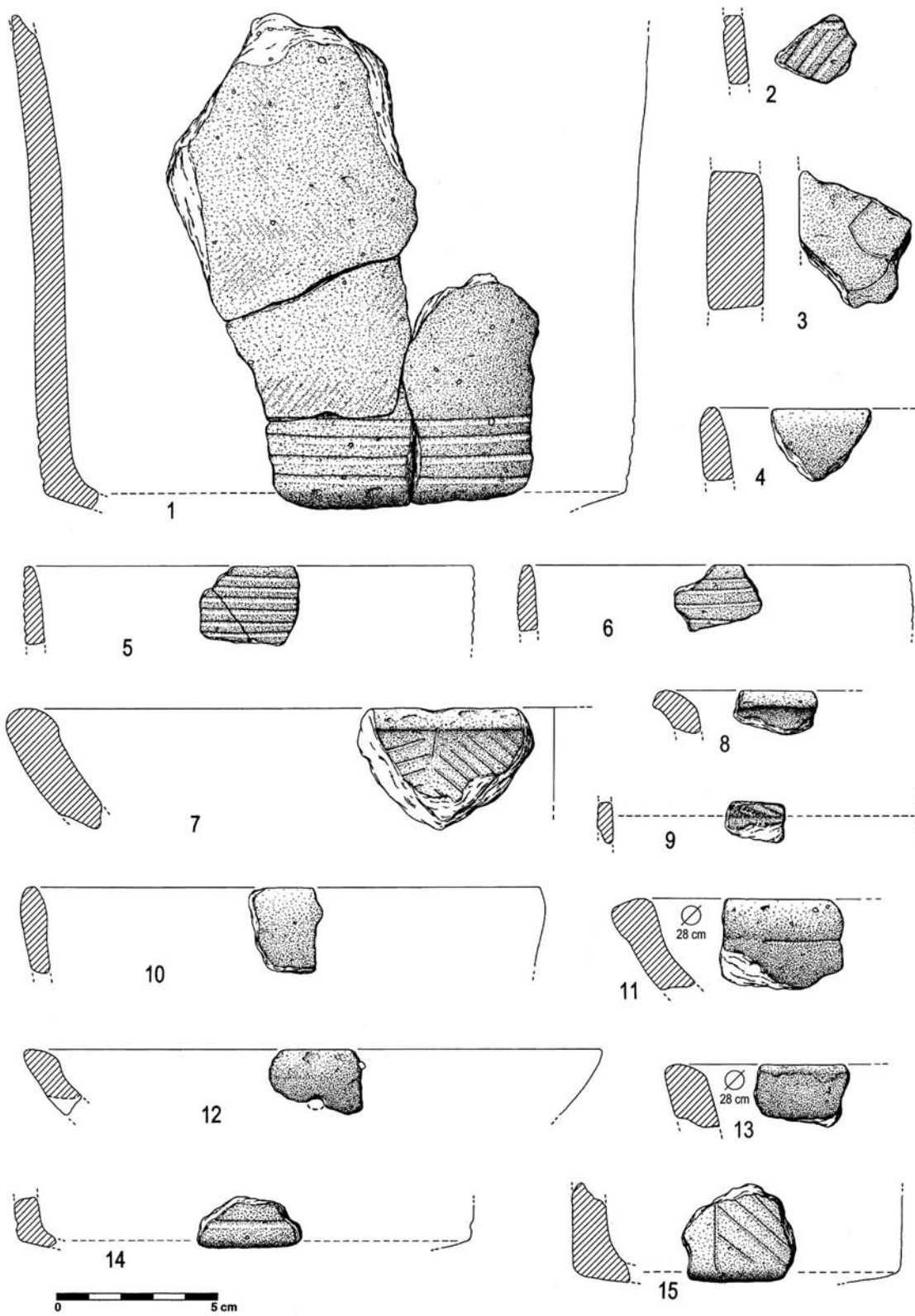


Fig. 16 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla Q2 acrópole.

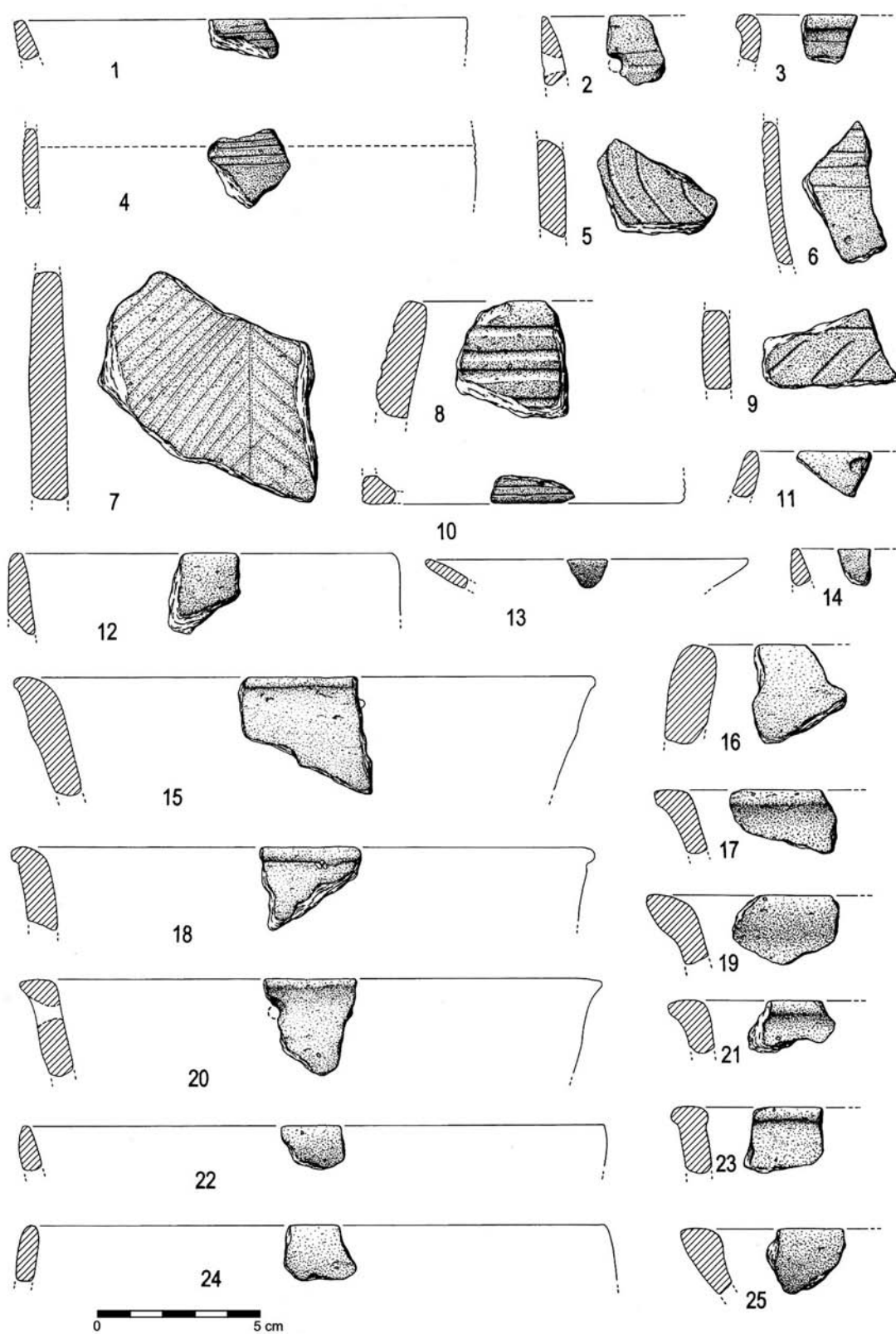


Fig. 17 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla Q3 (Outubro 1973).

lítico Pleno, com abundantes elementos decorados em “folha de acácia” e em “crucífera”, ao contrário do observado na Columbeira, a dita realidade apresenta-se pouco explícita (Cardoso, 2007).

Grandes esféricos (vasos de provisões)

A ocorrência deste tipo de recipientes, cuja abertura é frequentemente reentrante, em torno da qual se desenvolvem sucessivas faixas decoradas, avultando os padrões em “folha de acácia” e em “crucífera”, característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura, é pouco importante no Outeiro Redondo. Assinalam-se, contudo, alguns exemplares, ostentando a conhecida decoração de faixas de sulcos concêntricos, largos e profundos, em torno da abertura (Fig. 14, n.ºs 1, 2, 4 e 5; Fig. 23, n.º 1), frequentemente associados aos referidos padrões decorativos.

Padrões em “folha de acácia” e “crucífera”

Também pouco significativos são os fragmentos ostentando os dois padrões decorativos característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura, obtidos, como se referiu, pela impressão de uma matriz de contorno elipsoidal na pasta mole: apenas se contabilizaram cinco fragmentos, quatro recolhidos à superfície (Fig. 14, n.ºs 14 a 17), e um aparentemente em escavação (Fig. 20, n.º 6), embora outros padrões, formalmente idênticos, mas obtidos por incisões finas ou caneluras, a que acima se fez referência, sejam também conhecidos e ocorram em Leceia em associação estratigráfica com aqueles (Fig. 14, n.ºs 12 e 13, entre outros).

Os recipientes onde aqueles motivos se identificaram são de dimensões médias e correspondem, pelo menos em dois casos, a vasos de paredes verticais (Fig. 14, n.ºs 14 e 15), atribuíveis a copos, embora de maiores dimensões e de fabrico mais grosseiro que os seus antecessores do Calcolítico Inicial, com decoração canelada. Isto significa que se verificou a manutenção da forma, e portanto da funcionalidade, mas não da temática decorativa, caída em desuso.

Associadas às decorações referidas, encontram-se outras, igualmente comuns no Calcolítico Pleno de Leceia, representadas pelos reticulados obtidos por caneluras ou ténues linhas incisivas (Fig. 15, n.ºs 7, 9, 10, 11 e 12), e os “dentes de lobo” (Fig. 15, n.º 13), presentes num pequeno recipiente de forma indeterminada; note-se que este padrão decorativo é comum sob a forma de faixas envolventes da abertura dos grandes esféricos referidos *supra*.

Taças com decoração interna

As taças com decoração interna correspondem a produções caracteristicamente calcolíticas. A técnica decorativa assemelha-se à patente nos copos e nas taças caneladas anteriormente estudados, bem como os respectivos padrões decorativos, muito simples, de carácter geométrico. Trata-se de finas linhas, realizadas por uma ponta romba, formando ténues reticulados (os mais comuns), por vezes associados a zigue-zagues verticais e a métopas curvilíneas, também raramente presentes nos outros dois conjuntos de recipientes.

Tais motivos decorativos encontram-se aplicados ao interior de taças de grandes dimensões, possuindo em geral o bordo com espessamento interno e o lábio convexo, vulgo “taças de bordo

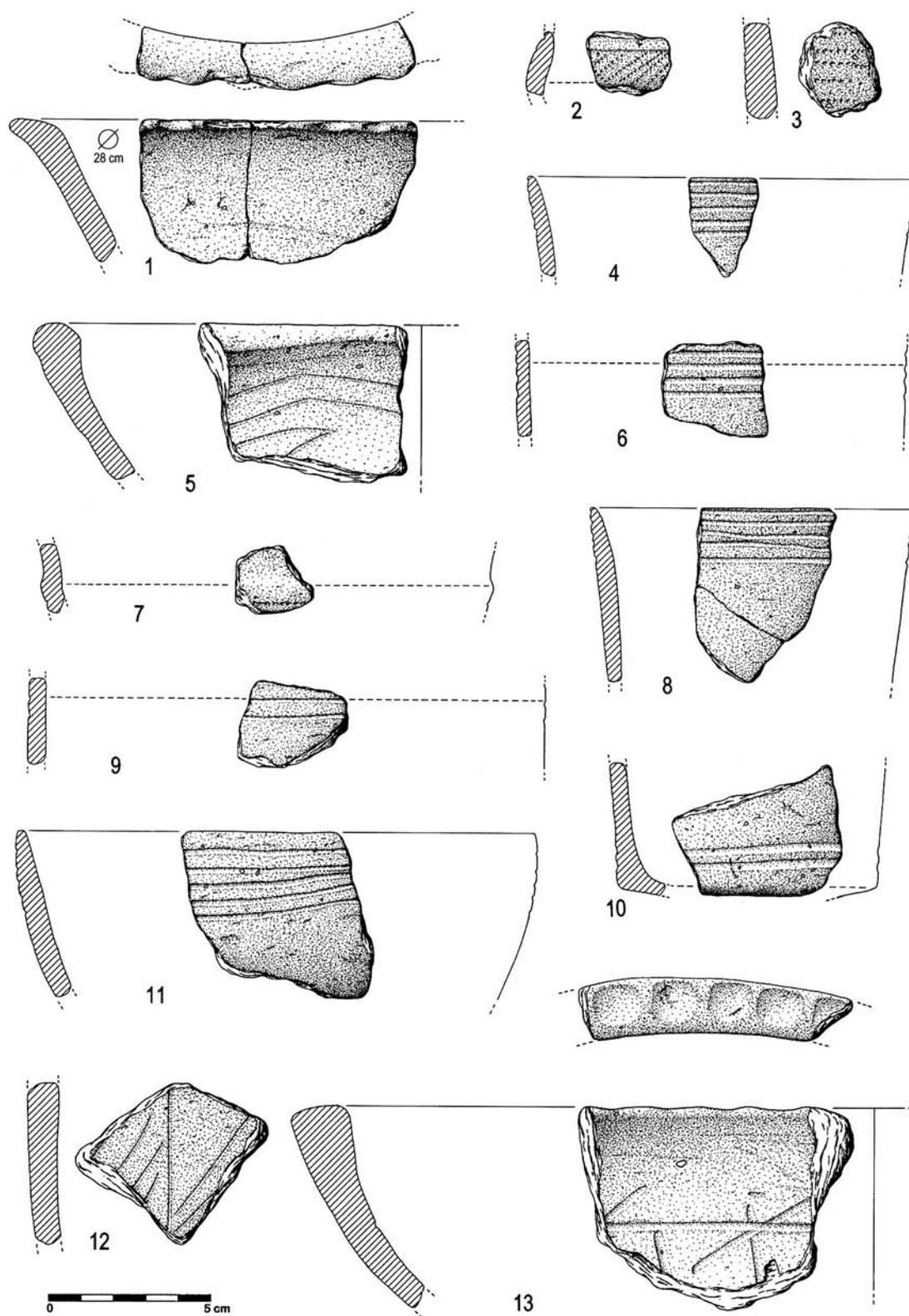


Fig. 18 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla Q4 (Setembro de 1974).

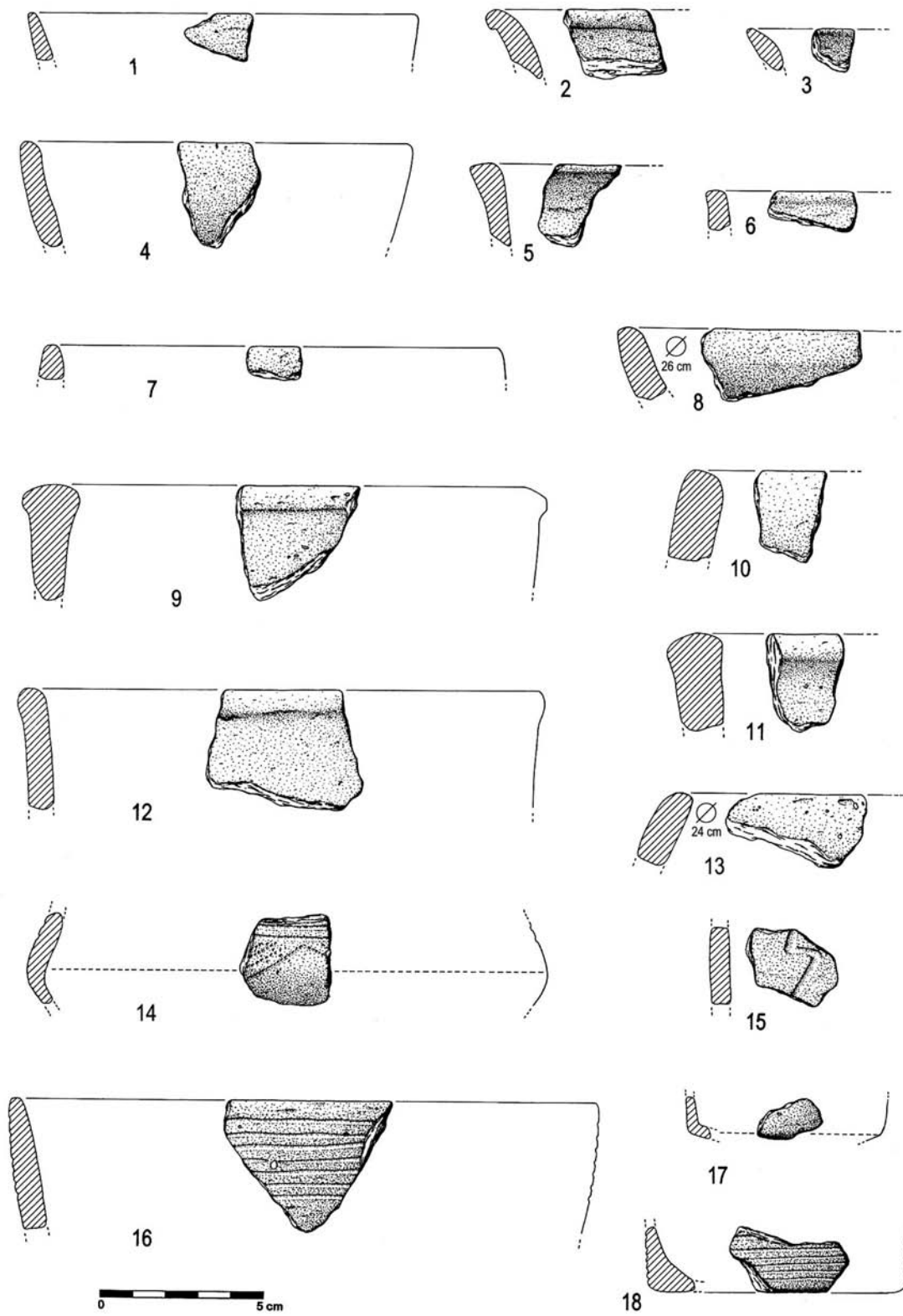


Fig. 19 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla Q4 (Setembro de 1974).

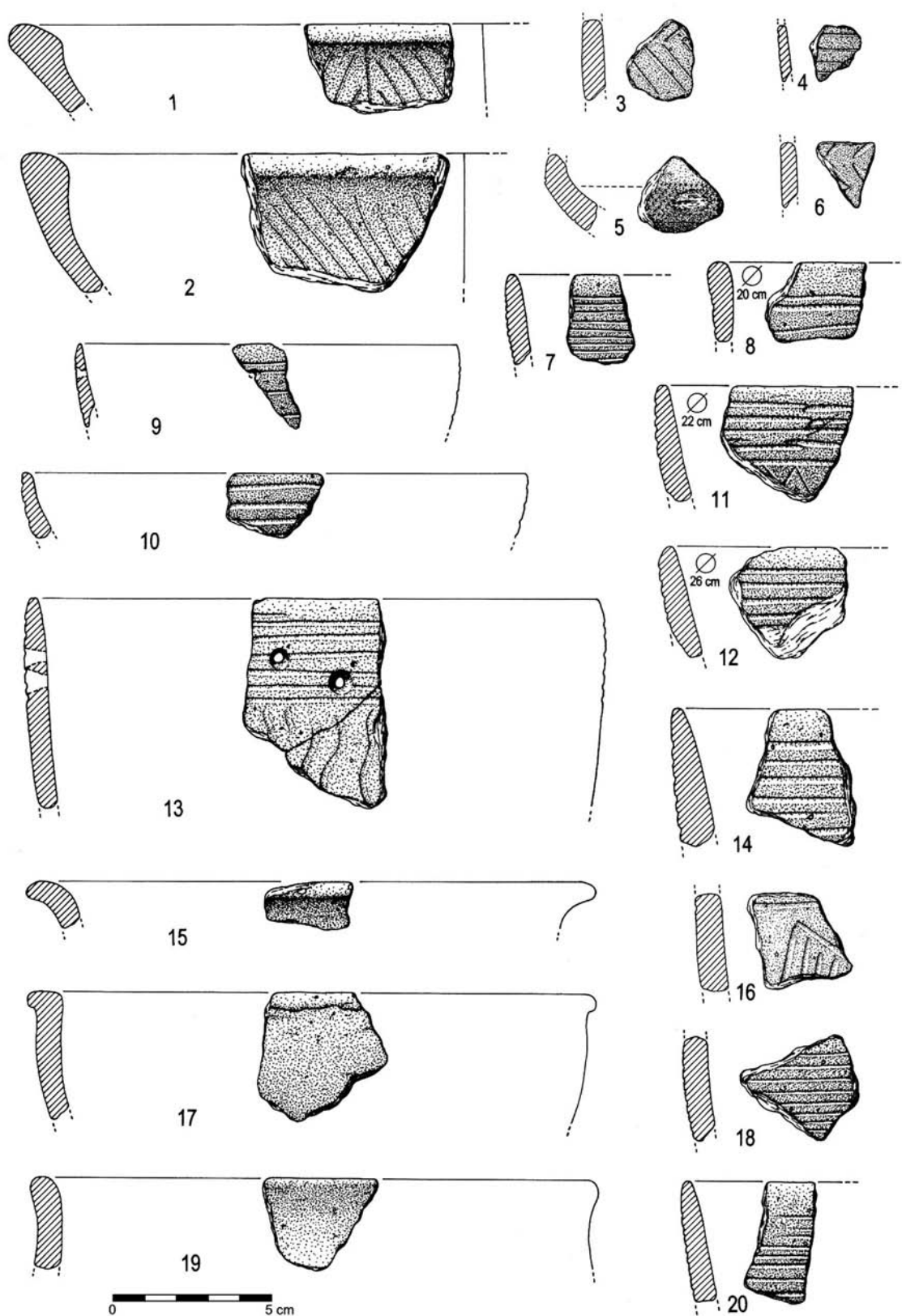


Fig. 20 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla 4 A1.

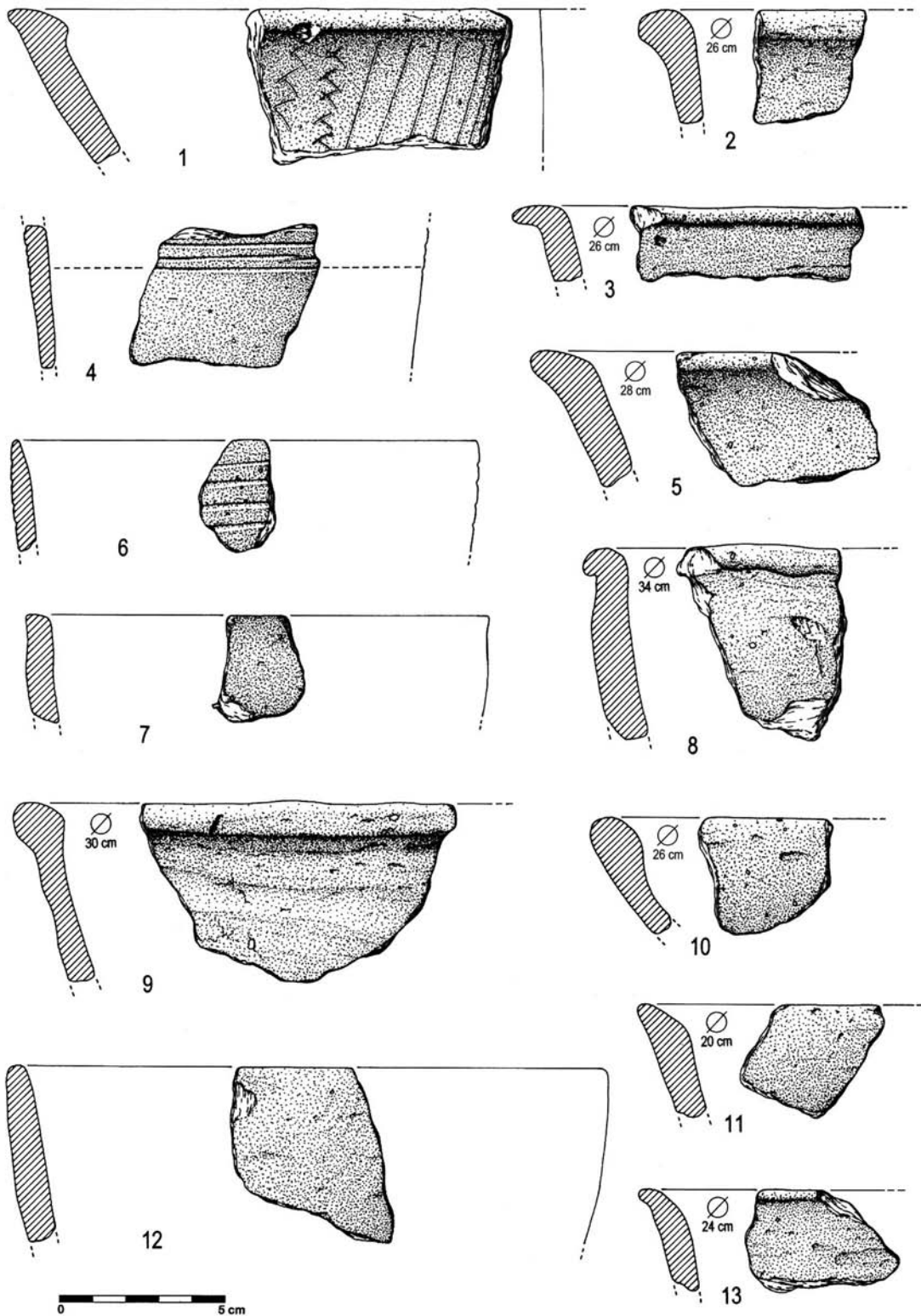


Fig. 21 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla 4B.

almendrado”, pela primeira vez cabalmente identificadas nas produções cerâmicas do Calcolítico do Sudoeste (Silva & Soares, 1976–1977).

As evidentes analogias verificadas nas técnicas e padrões decorativos entre copos, taças caneladas e as taças com decoração interna, justificam considerá-los como coevos, possuindo funções utilitárias distintas e complementares.

Com efeito, do ponto de vista da sua integração cultural, em Leceia verificou-se que a presença destas peças era característica da Camada 3 – Calcolítico Inicial, rareando na Camada 2 – Calcolítico Pleno (Cardoso, 2007), tal como os copos e taças caneladas. Assim, na referida estação, a presença destas taças decoradas foi considerada como mais um elemento identificador daquela fase cultural.

Na área do Sudoeste, taças com decoração interna foram por vezes recolhidas com assinalável abundância, como ilustra o povoado do Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Arnaud, 1993) e o do Monte da Tumba, Alcácer do Sal (Silva & Soares, 1987), constituindo uma prova evidente das relações então existentes entre a Estremadura e o Baixo Alentejo. No Porto Torrão, as escavações realizadas mais recentemente, situaram essencialmente estas produções na Fase 2 da ocupação do povoado, propondo-se a respectiva integração cultural no Calcolítico Pleno ou Calcolítico Pleno/Final (Valera & Filipe, 2004). Os autores sublinharam o facto de serem evidentes os contrastes deste grupo cerâmico com o correspondente à Fase 1, atribuída ao Neolítico Final. Nestes termos, não estaria representada na estação o Calcolítico Inicial, mas não pode deixar de se observar que a referida proposta de faseamento foi baseada na observação do enchimento de estruturas negativas, onde é propícia a mistura de materiais de diversas épocas. Por outro lado, parece que a ocorrência de escassos fragmentos campaniformes não deve ser excessivamente valorizada para a inclusão dos seus acompanhantes no que é tradição designar-se por Calcolítico Pleno/Final. Com efeito, a média ponderada de duas datações obtidas por J. M. Arnaud para a presença campaniforme na estação indica o intervalo, calibrado a dois sigma, de 2823–2658 cal BC (Cardoso & Soares, 1990–1992) cronologia que, embora se afigure um pouco alta para o expectável para as produções em causa, tem correspondência na tipologia dos materiais em causa, compatíveis com a etapa mais antiga do “fenómeno” campaniforme na região (estilo internacional e geométrico a pontilhado), contrariando a atribuição estrita do fenómeno campaniforme na Estremadura ao Calcolítico Final. Por outras palavras: o resultado cronométrico obtido é compatível com a cronologia atribuída ao Calcolítico Inicial da Estremadura (Cardoso & Soares, 1996), evidenciando que a génese e afirmação das produções campaniformes na área estremenha conheceu um percurso paralelo e independente da sucessão das olarias de cunho regional, entre as quais se contavam as taças em apreço.

Acresce que, no vizinho povoado do Monte da Tumba, as taças com decoração interior ocorrem nas Fases I e II da ocupação, conotáveis com o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno (Silva & Soares, 1987), conclusão que não se afasta dos dados observados em Leceia. Assim, sem se questionar a possibilidade de parte das taças decoradas interiormente recolhidas no Porto Torrão se integrarem na Fase 2 ali identificada, e portanto no Calcolítico Pleno, parece não existirem fundadas razões para se excluir a pertença de, ao menos, uma parte delas, ao Calcolítico Inicial, compatível com a sequência definida em Leceia.

Enfim, é admissível que, pelo menos na Estremadura, estas grandes taças de bordo espessado tenham substituído as taças carenadas do Neolítico Final, das quais existe apenas uma ocorrência registada nesta colecção, relacionando-se provavelmente, como as suas antecessoras, com a preparação de alimentos à base de farináceos (Fig. 14, n.º 18; Fig. 16, n.º 7; Fig. 17, n.º 7; Fig. 18, n.ºs 5 e 12; Fig. 20, n.ºs 1 e 2; Fig. 21, n.º 1; Fig. 24, n.ºs 10, 11 e 13).

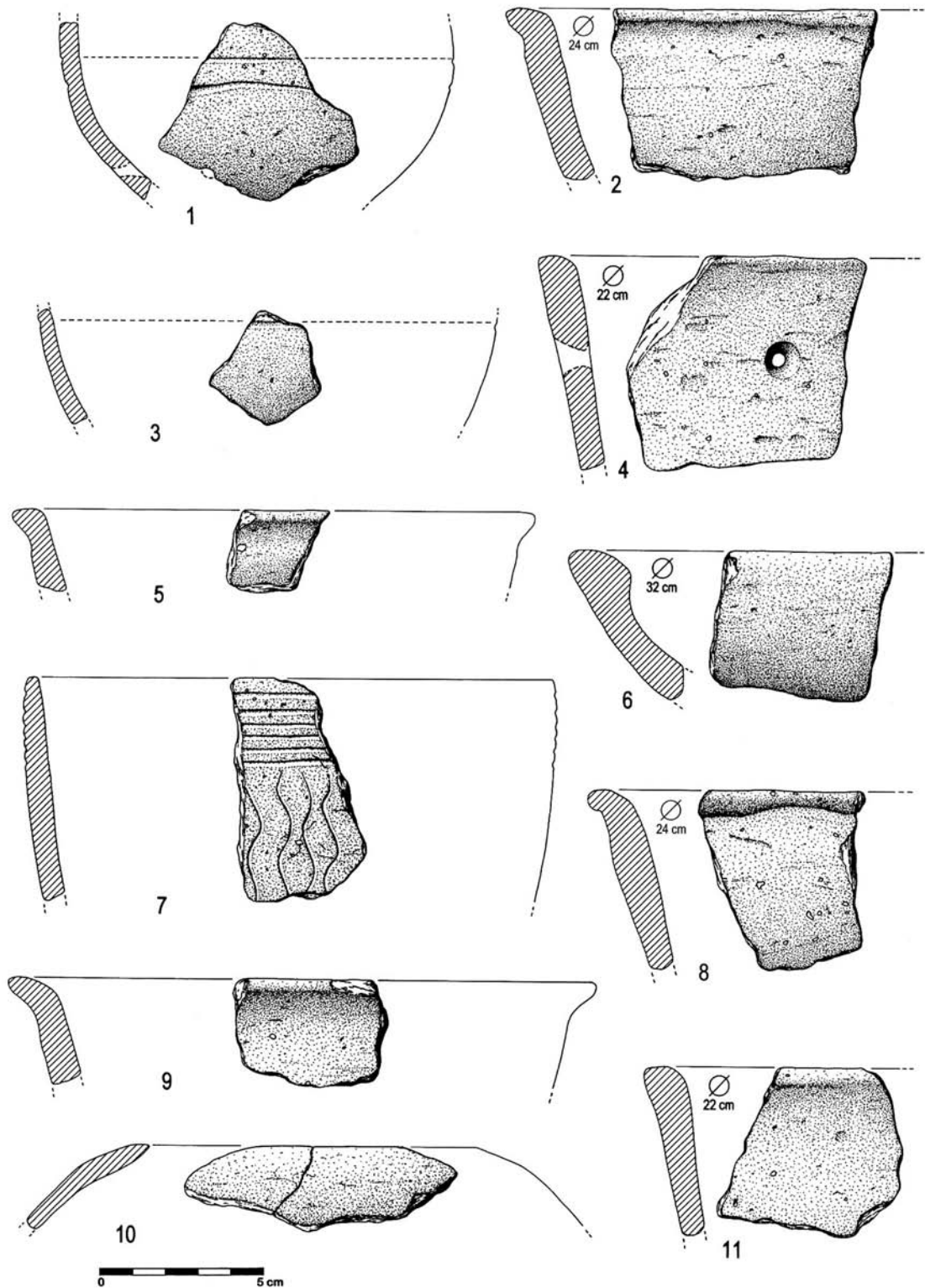


Fig. 22 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com o número 4 e 4 camada C (n.ºs 1, 7, 9 e 10).
Datas entre 11 e 25 de Setembro de 1976.

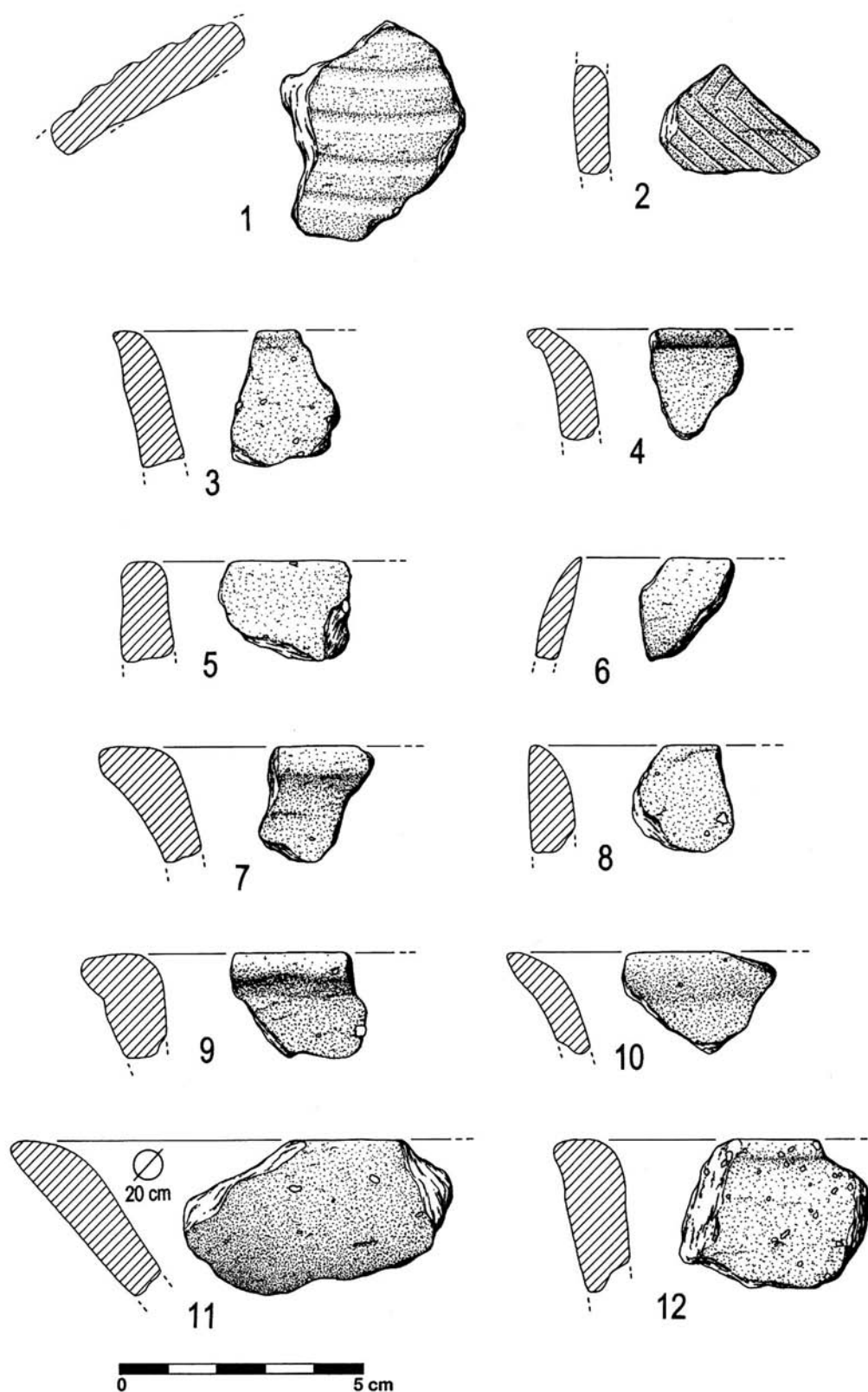


Fig. 23 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com o número 4 e 4 camada C (n.ºs 2 a 10).
Datas entre 11 e 25 de Setembro de 1976.

Bordos de recipientes com decoração denteada

Trata-se de produções características do Neolítico Final da Estremadura, onde foram identificadas em numerosos sítios; em Leceia, é inequívoca a concentração dos recipientes com decoração denteada na Camada 4, do Neolítico Final, ainda que a sua presença se verifique residualmente na Camada 3, do Calcolítico Inicial. De forma geral, evidencia-se uma notável quantidade de variantes, a ponto de dificilmente se encontrarem dois exemplares absolutamente iguais, apesar da aparente monotonia do motivo, sendo a decoração é realizada sobre o perímetro exterior do lábio de bordos de perfil em aba, tal como se observa no único exemplar recolhido no Outeiro Redondo (Fig. 18, n.º 1). A ocorrência de um único exemplar nesta estação, por ser caso isolado (conclusão corroborada pelos resultados preliminares decorrentes das escavações efectuadas entre 2005 e 2008), não se afigura compatível com uma sobrevivência ou anacronismo, em contexto calcolítico, afigurando-se mais plausível como sendo indício de uma ténue presença do Neolítico Final no topo da elevação, situação compatível com o verificado em outros sítios semelhantes da região, como o Alto de S. Francisco, Palmela (Silva & Soares, 1986). Aliás, as escavações permitiram recuperar um pequeno conjunto cerâmico que poderá ser ainda mais antigo, eventualmente do Neolítico Antigo, o que ilustra a presença humana esporádica ao longo de um amplo intervalo de tempo.

Caso inédito é o de um bordo de taça com decoração interior, cujo lábio, aplanado, ostenta depressões a toda a largura deste, produzidas possivelmente com as pontas dos dedos (Fig. 18, n.º 13). Ainda que não se confundam com os recipientes de bordo denteado do Neolítico Final, estas digitações poderão assumir-se como uma tradição não de todo esquecida, evocando, por outro lado, certas cerâmicas campaniformes de cunho regional: taças tipo Palmela, caracterizadas pela presença de lábios aplanados (como o do presente exemplar) profusamente decorados.

Cerâmicas com decorações impressas

Além dos fragmentos com padrões em “folha de acácia” e “crucífera”, acima referidos, produzidos pela técnica impressa, recolheu-se um outro fragmento aparentemente decorado por impressões de uma ponta actuada obliquamente, que pela sua pequenez e erosão que apresenta não se representou.

Cerâmicas campaniformes

As cerâmicas campaniformes recolhidas caracterizam-se pela escassez e grande coerência interna, aspecto que foi inteiramente confirmado no decurso das escavações, através dos também escassos fragmentos recuperados.

Trata-se, via de regra, de pequenos fragmentos erodidos, indício de colheitas à superfície ou próximo dela, à semelhança do verificado com a maioria dos fragmentos recolhidos entre 2005 e 2008.

Tendo presentes os três grupos que foram definidos para as produções campaniformes estremenhas (Soares & Silva, 1974–1977), o pequeno conjunto constituído por apenas seis fragmentos recolhido no Outeiro Redondo integra-se no Grupo Internacional. Com efeito, é exclusiva a técnica a pontilhado, aplicada a recipientes em geral de pequenas dimensões, cuja tipologia, quando

reconhecível, corresponde a vasos marítimos e a pequenas caçoilas. Mas a maioria dos fragmentos é inclassificável, quanto à forma, ainda que não quanto aos padrões decorativos. Assim, a decoração do tipo “herringbone”, constituída por bandas alternadas preenchidas interiormente está presente em pequenos fragmentos inclassificáveis quanto à forma (Fig. 16, n.º 9), ou pertencentes a vasos marítimos (Fig. 18, n.º 2; Fig. 20, n.º 5), bem como a da variante linear, igualmente atribuível a vaso marítimo (Fig. 18, n.º 3). Ocorrem ainda pequenas caçoilas com carena (Fig. 18, n.º 7), ou de perfil suave, com decoração geométrica pontilhada (Fig. 19, n.º 14).

Cerâmicas industriais

Incluem-se nesta designação dois fragmentos de elementos de tear paralelepípedicos, de contorno rectangular e perfurados nos quatro cantos, a que se pode juntar mais um fragmento, apresentando decoração curvilínea (Fig. 16, n.º 3). A presença e funcionalidade destas produções, inquestionavelmente relacionadas com a tecelagem, e muito provavelmente utilizados como pesos de teares verticais, permitindo manter firme a trama, têm sido muito discutidas; uma breve síntese da questão pode consultar-se em trabalho recente, a propósito dos elementos recolhidos no povoado do Outeiro da Assenta, Óbidos (Cardoso & Martins, 2009).

A tecelagem, enquanto actividade especializada relacionada com a intensificação económica que se registou em todo o III milénio a.C. no âmbito da chamada “Revolução dos produtos secundários”, é um dado incontroverso na Estremadura. Por outro lado, importa registar que nem todos os povoados calcolíticos exibem tais artefactos com idêntica abundância. Há casos, como o povoado de Leceia, onde a escassez destas peças é notória (Cardoso, 2007), contrastando com a de outros povoados, de muito menor importância, como é o caso do Outeiro de São Mamede (Cardoso & Carreira, 2003) ou do Outeiro da Assenta (Cardoso & Martins, 2009). O Outeiro Redondo inscreve-se dentro destes dois últimos, pela importância numérica que tais elementos assumem, com base nos elementos recolhidos no decurso das escavações ali realizadas.

Cerâmicas lisas

As cerâmicas lisas contendo bordo, reunidas em conjuntos isolados por G. Marques, foram integralmente desenhadas, mas sobre elas não se justifica a realização de qualquer estudo estatístico, já que se desconhecem os respectivos contextos estratigráficos, ou sequer as relações espaciais entre si.

Ainda que não seja possível determinar a relação entre os diversos conjuntos desenhados, verifica-se a existência de dois grupos dimensionais de recipientes, os mais pequenos utilizados sobretudo na tomada de bebidas ou de alimentos, os maiores relacionados com a confecção e o armazenamento de produtos alimentares, incluindo líquidos. Em ambos os grupos estão presentes formas abertas e fechadas, mas sempre representadas por um reduzido número de efectivos. Os bordos apresentam-se frequentemente espessados, ou, em alternativa, projectados para o exterior, formando aba. Trata-se de perfil já frequente no Neolítico Final, época em que se apresentam por vezes com decorações denteadas. No conjunto, as características dos perfis identificados afiguram-se plenamente integradas nos conjuntos calcolíticos da Estremadura, de que Leceia é até agora o único que foi objecto de um estudo de distribuição formal e, ainda assim, limitado às colheitas das primeiras campanhas de escavações (Cardoso, Silva & Soares, 1982-1983). Assume

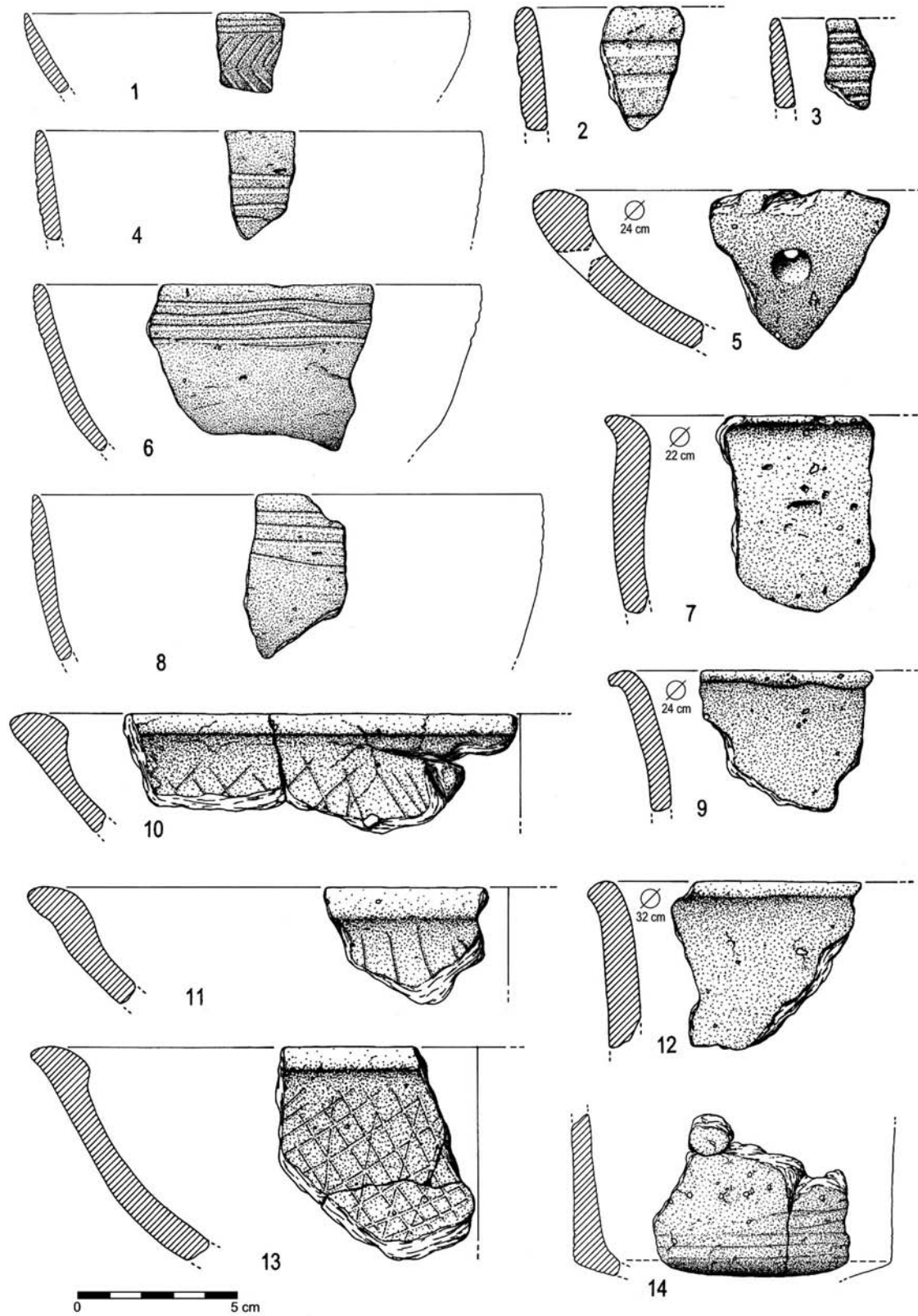


Fig. 24 Outeiro Redondo. Indústria cerâmica. Conjunto com a sigla 4C.

ainda interesse a comparação com a distribuição tipológica das produções lisas do Calcolítico do Sudoeste (Silva, Soares & Cardoso, 1995). Deste modo, pode concluir-se que a olaria lisa recolhida no Outeiro Redondo, à semelhança das produções decoradas, se integra plenamente nas produções do Calcolítico Inicial e Pleno da região estremenha.

4. Conclusões

A publicação da colecção reunida pelo Arq. Gustavo Marques do pequeno povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo, resultante de colheitas de superfície e de pequenas sondagens, realizadas entre 1966 e 1976, ainda que constituída por materiais desprovidos de indicações estratigráficas, apresenta interesse. Com efeito, o estudo tipológico do espólio permitiu confirmar a presença de duas ocupações sucessivas, atribuíveis ao Calcolítico Inicial e ao Calcolítico Pleno.

Estão presentes os principais grupos tipológicos de espólios que usualmente integram os contextos calcolíticos de carácter habitacional, com uma ausência notável, a dos cinchos, ou artefactos de barro de paredes perfuradas e desprovidos de fundo que, por tais características, têm sido atribuídos à produção de queijo. Esta ausência encontra-se ilustrada pelos espólios recuperados no decurso das escavações efectuadas sobre direcção do signatário na estação, entre 2005 e 2008, que proporcionaram apenas dois fragmentos deste tipo artefactual. Tal situação parece mostrar que a produção de transformados do leite não era uma realidade importante, na economia da época, contrastando com a realidade observada noutros sítios coevos, como Leceia. Em contrapartida, são relativamente abundantes os elementos de tear, mostrando que outra das actividades características da “Revolução dos Produtos Secundários”, relacionada com a diversificação e intensificação das produções, teria maior importância face à situação identificada em Leceia, apesar da pequenez da área habitada, quando comparada com aquela.

Estas conclusões preliminares, baseadas em critérios estatísticos fiáveis, são importantes por virem ilustrar que a realidade económica e social presente nos povoados calcolíticos da Estremadura conheceu cambiantes e particularidades específicas, próprias a cada sítio.

A franca abertura económica dos habitantes do Outeiro Redondo encontra-se denunciada pela diversidade das matérias-primas identificadas e das respectivas fontes de abastecimento, não obstante a amostragem ser pouco abundante. Assim, o sílex, de coloração cinzento-esbranquiçada, acastanhada ou, mais raramente rosada, tem a sua origem mais próxima nos calcários recifais do Cenomaniano superior da região de Lisboa, que se avista ao longe e, eventualmente, mas com menos importância, na região de Rio Maior, de onde proviriam as variedades mais avermelhadas.

A indústria lítica de pedra polida configura o aprovisionamento sistemático de rochas anfíbolíticas, cujos afloramentos mais próximos se encontram na bordadura ocidental do Maciço Antigo. Dali proviria também o cobre, importado sob a forma de pequenos lingotes, de que um exemplar pertencente ao conjunto estudado é expressivo exemplo.

A actividade económica desta pequena mas pujante comunidade configura pois a sua integração numa rede de permutas trans-regionais, na qual estava perfeitamente integrada.

Importa, pois, procurar evidências que permitam explicar a realidade observada, especialmente a identificação de mais-valias decorrentes de produtos que suportassem a presença de matérias-primas valiosas que teriam de ser adquiridas por permuta. Para além da agricultura, que se realizaria com sucesso nos férteis campos adjacentes, ocorre considerar também a possibilidade da produção de sal e de pescado seco, dada a estreita relação com o litoral adjacente, de fácil acesso

e exploração. Com efeito, a extraordinária quantidade de restos malacológicos mostra que uma parte da alimentação era constituída por moluscos, complementada pela pesca. Assim, é lícito supor que a produção de sal se pudesse efectuar junto ao litoral, sendo dali transportado para o povoado, antes da respectiva distribuição. As ocorrências detectadas desta actividade na área do estuário do Tejo, nos sítios da Ponta da Passadeira, Barreiro (Soares, 2001; Cardoso, 2004b) e de Monte da Quinta 2, Benavente (Valera, Tereso & Rabuje, 2006), no Neolítico Final/Calcolítico, permitem admitir tal actividade produtiva, na ausência de outras que justifiquem a realidade observada. Para tal, importava ter o domínio da produção cerâmica, o qual se encontra evidenciado pela abundância dos respectivos produtos, sendo possível que certas taças de grandes dimensões, de produção comum, pudessem ter servido àquela finalidade, na ausência de recipientes susceptíveis de se lhe poderem directamente associar.

Observaram-se, não obstante, certas produções cerâmicas que evidenciam particularidades locais: é o caso da técnica decorativa aplicada à maioria as taças caneladas e também a alguns dos copos, onde as ténues caneluras tradicionalmente produzidas por uma ponta romba, se encontram substituídas por finas linhas incisivas executadas com um estilete.

Em conclusão, o espólio estudado sublinha a assinalável importância económica que deteve, à escala da zona sul-ocidental da Península da Arrábida, o povoado do Outeiro Redondo, ainda que geograficamente afastado do eixo principal do fluxo de circulação trans-regional entre o Alentejo e a Baixa Estremadura, através da transposição do estuário do Tejo defronte a Lisboa, local obrigatório de passagem a quem vinha da margem sul, como se continuou a verificar ulteriormente, até à actualidade. Tal importância decorreria das mais-valias das respectivas produções, as quais, depois da agricultura, se fundariam na exploração dos recursos marinhos, com destaque, como se disse, para a eventual produção de sal e de pescado seco.

NOTAS

* Agradece-se ao Dr. Luís Raposo a autorização para o estudo dos espólios do Concelho de Sesimbra da colecção do Arq. Gustavo Marques, à guarda do Museu Nacional de Arqueologia, entre os quais se incluem os do Outeiro Redondo, agora estudados. Trabalho realizado ao abrigo do projecto financiado pelo Instituto Português de Arqueologia PNTA 2004/2007, Povoado Pré-Histórico de Sesimbra.

Agradece-se aos proprietários da Casa da Mesquita, na pessoa do Senhor Engenheiro Eduardo Caupers, a autorização concedida para a realização dos trabalhos arqueológicos executados entre 2005 e 2008. Desenhos de Filipe Martins.

** Professor Catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, José Morais (1993) - O povoado calcolítico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 41-60.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA (s/d) - *Estações arqueológicas do concelho de Sesimbra*.
- CARDOSO, João Luís (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1.ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, pp. 211-304.
- CARDOSO, João Luís (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, pp. 120-233.
- CARDOSO, João Luís (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, pp. 89-225.
- CARDOSO, João Luís (1994) - Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Número especial.
- CARDOSO, João Luís (1996) - Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 107-119.

- CARDOSO, João Luís (2000) - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19:1, pp. 37–55.
- CARDOSO, João Luís (2001) - A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final. In TAVARES, Maria José Ferro; TAVARES, António Augusto; CARDOSO, João Luís, eds. - *Arqueologia e história regional da península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 19–47.
- CARDOSO, João Luís (2003) - A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, pp. 25–84.
- CARDOSO, João Luís (2004a) - Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 45, pp. 1–32.
- CARDOSO, João Luís (2004b) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras. Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 12).
- CARDOSO, João Luís (2007) - As cerâmicas decoradas do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 9–276.
- CARDOSO, João Luís (2008) - The chalcolithic fortified site of Leceia (Oeiras, Portugal). *Verdolay*. Murcia. 11, pp. 49–66.
- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (2003) - O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903–1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, pp. 97–228.
- CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino (2008) - A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico do território português. In *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, pp. 269–300.
- CARDOSO, João Luís; CARVALHOSA, António de Barros e (1995) - Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, pp. 123–151.
- CARDOSO, João Luís; FERNANDES, Francisco Braz (1995) - Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, pp. 153–164.
- CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2009) - O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 261–356.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge (1990–1992) - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8–10, pp. 203–228.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge (1996) - Contribution d'une série de datations ¹⁴C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura portugaise. In *Actes du Colloque de Périgueux (1995). Supplément à la Revue d'Archéométrie*. Rennes: Pôle Éditorial Archéologique de l'Ouest, Laboratoire d'Archéométrie, pp. 45–50.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1983–1984) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras): 1.ª e 2.ª campanhas de escavação. *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 41–68.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; SILVA, Carlos Tavares da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, pp. 201–225.
- GONÇALVES, João Ludgero Marques (1994) - Castro da Columbeira: uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho? *Al-madan*. Almada. Série II. 3, pp. 5–7.
- KUNST, Michael (1996) - As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 257–287.
- LEISNER, Vera; PAÇO, Afonso do; RIBEIRO, Leonel (1964) - *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARQUES, Gustavo (1967) - Castro eneolítico de Sesimbra: notícia do seu achado. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra. 1, pp. 10–16; 2, pp. 17–21.
- MÜLLER, Roland; CARDOSO, João Luís (2008) - The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madriider Mitteilungen*. Wiesbaden. 49, pp. 64–93.
- PAÇO, Afonso do (1959) - Castro de Vila Nova de San Pedro, XI: nota sobre um tipo de cerâmica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona. 21, pp. 252–260.
- PAÇO, Afonso do (1960) - Castro de Vila Nova de S. Pedro, XII: alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, pp. 105–117.
- SANTOS, Manuel Farinha dos; FERREIRA, Octávio da Veiga (1969) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 3, pp. 37–62.
- SILVA, Carlos Tavares da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura: notas sobre a cerâmica. In *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, pp. 175–192.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1976–1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 179–272.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. 1: escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, pp. 29-79.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; CARDOSO, João Luís (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In *Origens, estruturas e relações das Culturas calcolíticas da Península Ibérica. Primeiras Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (Torres Vedras, 1987)*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, pp. 159-168.
- SOARES, Joaquina (2001) - O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios a.C. In TAVARES, Maria José Ferro; TAVARES, António Augusto; CARDOSO, João Luís, eds. - *Arqueologia e história regional da península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 101-127
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1974-1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa Série III. 7-9, pp. 102-112.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, pp. 53-173.
- THADEU, Décio (1965) - *Carta mineira de Portugal na escala de 1/500 000. Notícia explicativa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VALERA, António Carlos; FILIPE, Iola (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28-61.
- VALERA, António Carlos; TERESO, João Pedro; REBUJE, João (2006) - O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/Calcolítico do estuário do Tejo. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004). Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 291-305.